

OBRAS POSTHUMAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

PRECEDIDAS DE UMA NOTICIA DA SUA VIDA E OBRAS PELO

Dr. ANTONIO HENRIQUES LEAL

Theatro

BEATRIZ CENCI
LEONOR DE MENDONÇA
PATKULL — BOABDIL

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

Sendo os dramas — *Patkull e Beatriz Cenci* — que constituem este volume, ensaios da mocidade do poeta, escriptos aos 20 annos, sob o enthusiasmo da escola romantica, quando imperavam a *Torre de Nesle*, a *Lucrecia Borgia*, e outras composições deste genero, não podia o autor, apezar de seu talento e genio inspirado, eximir-se de pagar tributo ao gosto e ás tendencias da sua época. Deve-se, pois, tomal-os como tentativas, e aprecial-os mais pelo estylo e lances poeticos que os embellesam, do que como obras que immortalisem o poeta.

A.H.L.

S. Luiz — 12 de Julho — 1868.

BEATRIZ CENCI

DRAMA EM CINCO ACTOS

1844-1845

BEATRIZ CENCI

ACTO I

PERSONAGENS

BEATRIZ CENCI
LUCRECIA PETRONI
FRANCISCO CENCI
PAULO

*A scena se passa no castello de Rocca Petrella no
anno de 1598 — entre Napoles e Roma.*

ACTO I

*Uma sala modestamente mobilada — Porta no fundo
— portas lateraes — uma ottomana.*

SCENA I

D. FRANCISCO, *serio e preoccupado*. PAULO.

D. FRANCISCO

E tu viste-o, Paulo ?

PAULO

Como vos vejo, Senhor Cenci.

D. FRANCISCO

E elle estava...

PAULO

Do lado do castello, que dá sobre o parque : — mes-
mo por baixo das janellas da Senhora D. Beatriz.

D. FRANCISCO

Era algum homem... alto... reforçado...

PAULO

Não era nem alto, nem baixo — nem gordo nem ma-
gro; — era um homem como todos os homens, porém
cantava tão doce !...

D. FRANCISCO

E o que cantava elle ?

PAULO

Não pude perceber toda a letra ; apenas uma palavra aqui, outra ali : — Meu amor, — minha vida, prisioneira que me prendes....

D. FRANCISCO, *vivamente.*

Pois elle chamou-a prisioneira ?

PAULO

E mais do que uma vez, Senhor Cavalleiro.

D. FRANCISCO, *negligentemente.*

E tu que fizeste ?

PAULO

Acordei toda vossa gente, porém quer elle percebesse a razão porque se sumira a luz do meu quarto, — quer por outro qualquer motivo — desapareceu tambem — não sei por onde.

D. FRANCISCO

Foste imprudente. — Em casos taes um punhal bem comprido e bem fino, que fere silenciosamente — vale mais do que a multidão afanada que não sabe fazer senão tumulto.

PAULO

Foi tambem esse o meu pensamento, porém depois pensei que o vulto deveria vir armado, e que seria então muito possivel ficardes com um fiel servo de menos, sem que para nada vos prestasse a sua morte.

D. FRANCISCO

És um servo zeloso e diligente ! Em verdade não

sei como te pagarei o desmarcado amor que tens á tua vida.

PAULO

Senhor !

D. FRANCISCO

Basta ! bem sei que para casos taes não devo contar comtigo. — Dize-me, como vinha elle vestido ?

PAULO

Todo de preto; e trazia no chapéu uma pluma branca, mas, branca que parecia neve.

D. FRANCISCO

Dava mais nos olhos ! — Seguiste-lhe as pégadas ?

PAULO

Levava a direcção da porta falsa, porém não posso dizer com certeza por onde sahiu, porque a relva cortou-me o rasto.

D. FRANCISCO

E não viste — fóra dos muros — se havia signal de passadas, e para onde se dirigiam ?

PAULO

Não tive essa feliz lembrança, — porém bem deve de saber V. Exc. que a alma bronca do villão não pôde rivalizar com a do engenhoso cavalleiro.

D. FRANCISCO

Paulo, tens sempre uma lisonja que dizer, quando não cumpres com a tua obrigação. Que ! Um desses milhares de ociosos de que abunda a nossa desgraçada Italia, e Roma principalmente, — uma dessas infinidades de mariposas que vôam com todo o vento para todas as flôres, tem o arrojo, o atrevimento de vir

dar serenatas á minha filha, que eu amo, que eu estimo, — isto no meu Palacio — dentro do meu proprio parque — por tres dias — por tres dias consecutivos, e só no terceiro alguém ha que me revele um segredo de importancia tal! — É muito! — E quando eu pergunto quem era o vulto, respondem-me que para o saber omitiram uma das principaes circumstancias, porque não eram cavalleiros, porque tinham alma de villão! — Alma de villão tendes vós, Senhor Paulo, — de villão cobarde — de villão que afaça quando não morde. — Não sois vós o meu mordomo? — Não sois vós responsavel pelo que acontecer neste palacio? — e assim é que vigiaes? Se um trôço de bandidos penetrar aqui durante a noite, e roubar as minhas alfaias, não é certo que na manhã do dia seguinte me vireis perguntar : Que fizestes vós das vossas alfaias? — Não é certo que pôde um *bravo* penetrar no meu aposento, e assassinar me no meu leito, passando por cima de vós outros, que dormis tranquillos na minha antecamara? Dizei!

PAULO, *humildemente*.

Meu Senhor, como dizieis, para chegar ao vosso leito seria preciso passar primeiro por sobre os corpos de nós outros, que dormimos na vossa antecamara.

D. FRANCISCO

Serieis degrãos para que mais facilmente me chegassem ao coração ; — bem o sei.

PAULO

Sois injusto, Senhor cavalleiro.

D. FRANCISCO

Calai-vos !

PAULO

Sois injusto. Um descuido do vosso servo não lhe merecia tão duras reprehensões; e alguns annos de serviços — leaes, senão grandes, me deveram salvar de injuriasas suspeitas.

D. FRANCISCO, *sentando-se*.

Bem sei que é fiel. — Esquece essas palavras inconsideradas! — esquece-as, e não fallemos mais dellas. — Mas sempre é certo que eu sinto despeito de não poder saber quem é esse vulto.

PAULO

Nós o conheceremos Senhor; elle voltará! É preciso ter muita coragem para desafiar a vossa colera, e o alarma não foi tão grande que o intimidasse.

D. FRANCISCO

Oxalá que assim seja! Sabes tu que eu contaria no numero das minhas maiores desgraças o não encontrar-me com esse vulto, — que seria um dos meus mais altos prazeres insultal-o — martyrisal-o — matal-o! Talvez que eu sentisse alguma cousa, e eu preciso de sentir, porque tenho medo do deserto do meu coração, que é a morte, porém a morte dentre em nós mesmos — a morte gelada, hedionda, monstruosa, paralytia d'alma, que se ergue incommensuravel — indefinivel, como um fantasma de terror! Comprehendes tu isto?

PAULO

Oh! não, Senhor! — Ser triste no meio de tanta prosperidade é insultar a Deos, e desafiar a ventura. Sois do toda a Italia o cavalleiro mais rico, e o mais mag-nifico...

D. FRANCISCO

Não me falles das minhas riquezas...

PAULO

Sois o mais feliz esposo...

D. FRANCISCO

Não me falles de minha mulher !

PAULO

Sois o pai mais afortunado....

D. FRANCISCO

Não me falles de meus filhos! (*Levantando-se.*) Meus filhos! eu os aborreço! eu os aborreço do fundo do coração. Indignos! Indignos! que todas as manhãs vi-nham espreitar no meu rosto signaes de abatimento e de velhice, maldizendo a minha robustez, que lhes impedia de colherem mais de prompto os meus haveres! — Cobardes! Ingratos, que denunciaram seu pai á santa Séde! — Tão cobardes! tão ingratos como esse velho avarento a quem vós outros chamais Santo Padre; — mesmo esse velho que esquadrinha pretextos para me obrigar a comprar a sua justiça, os despe-diou vergonhosamente da sua presença! Oh! que feliz que eu sou com os meus filhos! D. Lucrecia Petroni, minha esposa, é esteril; nenhum filho sequer me tem dado para malograr as esperanças desses que de mim dependem, que vivem de mim, e que talvez a estas horas já tenham encommendado a alguns desses intel-ligentissimos alchimistas da Italia algum filtro salutar que poupe ao seu velho pai os incomodos da velhice! E tu me fallas de riquezas, de mulher e de filhos! de riquezas com que eu não posso comprar uma sensa-

ção, — de mulher que não satisfaz um desejo, — de filhos que só me dão desgotos. Que feliz que eu sou !

PAULO

Vós assim o entendeis, senhor cavalleiro, e de vós é que se trata; todavia me parece a mim que eu seria o homem mais feliz do mundo se pudesse dar festas e saráus como os que haveis dado, todas estas noites passadas. Não exultais de prazer com vos sentirdes tão poderoso e magnifico ?

D. FRANCISCO

Tu não me comprehendes, Paulo; não, não me comprehendes. Mas que te importa? — Quero hoje um saráu mais brilhante e mais esplendido do que todos os que me tens visto dar até agora. Esta noite quero luzes por toda a parte, e por toda a parte dança, musica, brillantismo, e perfumes. (*Mais baixo*) Quero fascinar alguem.

PAULO

E assim será, senhor.

D. FRANCISCO

Vai; cuida diligentemente do que julgares necessario; — não poupes nem ouro nem trabalho.

PAULO

Farei como mandais.

D. FRANCISCO

Vai (*Paulo vai a retirar-se.*) Ah!... escuta. Vê tam-bem se descubres rastos do sujeito de quem fallamos. Dar-me-has parte — logo — logo — do menor vestigio, da menor circumstancia que poderes descobrir. Lá me acharás no meu gabinete, ou aqui. Vai. (*Paulo sahe: D. Francisco pensativo.*) Beatriz... minha filha !

Oh! por que foi ella a unica mulher que eu encontrei na minha vida, tão formosa, tão pura e tão candidamente innocente? Por que me abraço eu todo quando penso nella? Minha filha! E que me importa? (*Sahe.*)

SCENA II

Entra D. LUCRECIA e BEATRIZ, firmando-se no braço della.

D. LUCRECIA

Entra, — entra, minha filha!

BEATRIZ

Ah! estou cansada!

D. LUCRECIA

Como estás pallida! — Pareces enferma, — sentes alguma cousa?

BEATRIZ

Sinto prazer, — muito prazer.

D. LUCRECIA

Do que tens visto?

BEATRIZ

Sim, do que tenho visto. Estas salas são grandes, sumptuosas, bem adornadas... Minha boa mãe, não é verdade que deve ser bem feliz quem vive neste palacio?

D. LUCRECIA

E tu foste infeliz no teu desterro, minha filha?

BEATRIZ

Oh! não.

D. LUCRECIA

E que fazias tu?

BEATRIZ

Eu scismava.

D. LUCRECIA

Só?

BEATRIZ

Só; scismava na minha boa mãe, que me deixava ali sósinha!

D. LUCRECIA

E tinhas pena disso?

BEATRIZ

Muita; chorei muitas vezes pensando que me abandonavas porque eras minha madrastra. Como eu era criança!! (*Pegando nas mãos de D. Lucrecia e encarrando-a com amor.*) Não é certo que me amas como se eu fosse verdadeiramente tua filha, minha boa D. Lucrecia?

D. LUCRECIA, *beijando-a na testa.*

Quero te servir de mãe, minha doce Beatriz, já que Deos não foi servido de me dar uma filha como tu.

BEATRIZ

Eu bem adivinhava que me tinhas amor. — Mas... porque me não visitavas tu, quando eu vivia sósinha? Ser-me-hia tão agradável ouvir a voz de alguém!

D. LUCRECIA

E teu pai não te visitava?

BEATRIZ

Elle, sim; porém n'aquelle tempo não me parecia ser tão bom como agora me parece. Tinha um não sei que na voz que me intimidava.

D. LUCRECIA

E agora?

BEATRIZ

Parece que me quer metter no coração, quando me falla; e demais não me deu elle a tua companhia, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA

Amas muito teu pai, Beatriz?

BEATRIZ

Muito.

D. LUCRECIA

Mais do que a Marsio?

BEATRIZ, *depois de ter pensado.*

Que sei seu?

D. LUCRECIA

Conheces Marsio?

BEATRIZ

Não me disseste que era de uma das primeiras familias de Roma? — Ah! bem sentia eu no meu coração que elle era nobre e grande! (*Pausa.*) Já lhe fallaste alguma vez, minha mãe?

D. LUCRECIA

Algumas.

BEATRIZ

Tambem eu lhe queria fallar! — Não tem elle a voz doce e melodiosa como a tua?

D. LUCRECIA

Não; — como a tua, Beatriz.

BEATRIZ

Mesmo como a minha?

D. LUCRECIA

Mesmo — não, — mais forte.

BEATRIZ

Voz de homen! — Queria fallar-lhe. Deve ser tão valente quanto é bello.

D. LUCRECIA

Já o viste?

BEATRIZ

Muitas vezes.

D. LUCRECIA

Muitas vezes!

BEATRIZ

Todas as tardes — a todo o instante; já me escreveu; é elle quem todas as noites descanta por baixo das minhas janellas.

D. LUCRECIA

Elle, Beatriz?!

BEATRIZ

Sim — elle. De que te admiras?

D. LUCRECIA

É preciso que lhe digas que não volte mais. (*A parte.*) Imprudente!

BEATRIZ

E porque não queres que elle volte, minha mãe? Gasto tanto de o ouvir!

D. LUCRECIA

Porque, Beatriz? — porque... teu pai o julgaria meu amante e o mataria.

BEATRIZ, *levantando-se.*

A elle, minha mãe! — a Marsio! oh! não, não!...

D. LUCRECIA

Sim, Beatriz, sim.

BEATRIZ

Eu lhe direi que elle vem por minha causa, — que eu o amo...

D. LUCRECIA

Dize antes a Marsio que não volte.

BEATRIZ

Mas... como lhe poderei eu fallar?!

D. LUCRECIA

Elle virá ao meu aposento.

BEATRIZ

Eo teu aposento, minha mãe! Como tu és boa!... Pois eu hei de ver Marsio! hei de fallar com elle!... Oh! não!...

D. LUCRECIA

Caprichosa! e porque não?

BEATRIZ

Tu não vês que eu tremo! Como poderei eu pronunciar uma palavra diante d'elle?! — Não tenho força! não tenho força!

D. LUCRECIA

E porque lhe não poderás fallar, minha filha?

BEATRIZ

Tenho medo.

D. LUCRECIA, *sorrindo-se.*

Louca! — farás de conta que estás fallando comigo.

BEATRIZ

Contigo! — E tu julgas que eu lhe poderei fallar sem receio?

D. LUCRECIA

Não é elle o teu bom amigo?

BEATRIZ

Sim, sim; eu lhe fallarei! — porém se elle me perguntar que tal foi a sua musica de hontem, — que lhe hei de eu responder?

D. LUCRECIA

Não a ouviste?

BEATRIZ

Não.

D. LUCRECIA

Já dormias?

BEATRIZ

Não.

D. LUCRECIA

Então que fazias tu?

BEATRIZ, *confusa.*

Estava com meu pai.

D. LUCRECIA, *vivamente.*

Com teu pai!... (*Reprimindo-se.*) E o que te dizia elle?

BEATRIZ

Nada; queria me ver dançar no baile.

D. LUCRECIA

E tu dançaste?

BEATRIZ

Não.

D. LUCRECIA

E porque não?

BEATRIZ

Porque te não vi lá; — e depois... tive vergonha.

D. LUCRECIA

Vergonha! de que?

BEATRIZ

De toda essa gente que lá andava. Estavam homens e mulheres meio vestidos; como os homens e as mulheres dos quadros de Guido.

D. LUCRECIA

Fizeste bem. Nunca me verás com essa gente, e não te mistures com ella, em quanto lá me não vires tambem.

BEATRIZ, *depois de um momento de silencio.*

Porque ficaste tu séria? Estás mal comigo?

D. LUCRECIA

Não; mas torno a recommendar-te, — não te mistures com essa gente! (*Pausa.*) Teu pai que disse?

BEATRIZ

Perguntou-me se eu gostava do baile.

D. LUCRECIA

E tu?

BEATRIZ

Oh! eu gostei muito! Minha mãe, fazes mal em não querer ver d'aquelles saráus; são cousa maravilhosa. Olha — eu estava á janella á espera de Marsio, quando começou a tocar uma musica tão suave, tão doce como nunca igual a experimentei. Não sei se

chorava! De repente abriu-se a minha porta e a musica tangeu estrepitosamente; o resplendor das luzes foi tão forte que me cegou, e ao mesmo tempo entrou pela minha camara um perfume tão vago, tão agradável, que não sei como não cahi de emoção. Então vi uma cousa magica, fascinadora. — Eram mil figuras vestidas de mil côres, carregadas de tremulos, de joias, de brilhantes, que se moviam n'um circulo rapido e vertiginoso; eu tambem tinha vertigens! porém senti uma mão que prendia a minha mão, e uma voz que me parecia estar fallando dentro dos meus ouvidos: Vem — vem!...

D. LUCRECIA

E tu! E tu! minha filha!

BEATRIZ

Eu cahi na cama sem sentidos, e tudo se sumiu como por encantamento! Dize: — não te parece que meu pai deu aquella festa por amor de mim?

D. LUCRECIA

Sim, foi por amor de ti; mas guarda-te de teu pai!

BEATRIZ

De meu pai?!

SCENA III

OS MESMOS E D. FRANCISCO

D. FRANCISCO

Beatriz!

BEATRIZ, *lançando-se nos braços delle.*

Ah! fallavamos de ti!

D. FRANCISCO

De mim, meu amor ?

BEATRIZ

De ti, meu pai. — Sabes o que me dizia D. Lucrecia ?

D. FRANCISCO, *com voz tranquilla, porém encarando D. Lucrecia com severidade.*

Tua mãe fallava de mim, Beatriz ?

BEATRIZ

Sabes o que ella me dizia ?

D. FRANCISCO, *sempre encarando a D. Lucrecia.*

O que era ?

BEATRIZ, *sorrindo-se.*

Que me guardasse de ti !

D. FRANCISCO, *sorrindo-se para Beatriz.*

Só ?

BEATRIZ

E que a tua festa de hontem, que a déste por amor de mim.

D. FRANCISCO

E foi só por amor de ti, que a dei ; não crêste no que ella te dizia ?

BEATRIZ

Sim, sim. Não és tu o meu bom pai !

D. FRANCISCO

Sim, teu pai que te ama, que te quer, e muito. Dize, Beatriz, já te esqueceste de que por muito tempo te deixei vegetar sósinha no meio de quatro paredes — nessa idade em que o mundo nos parece tão bello, e nos offerece tantos attractivos ?

BEATRIZ, *abraçando-o.*

Oh ! nunca me lembrei de tal !

D. FRANCISCO, *retendo-a nos braços e encarando-a.*

Creatura divina ! Como tu és bella !! e como aoavez dos teus olhos tão puros, e do teu rosto tão formoso, se lê a tua alma ainda mais formosa e mais pura do que os teus olhos, e do que o teu rosto ! — Tu amas-me, Beatriz.

BEATRIZ

Muito, muito.

D. FRANCISCO

Sim, quero que me ames muito, extremosamente, com todas as forças da tua alma, que eu preciso do teu amor. Beatriz, quero cercar todos os teus dias, todos os instantes da tua vida — de prazeres, de prodigios, de encantamentos ; quero o teu somno macio como o teu halito ; quero os teus sonhos fagueiros como o teu sorriso, e dourados como o louro das tuas tranças ; e os teus dias... quero-os mais desejados, mais felizes do que as tuas noites. Vem — senta-te ; — não me falles, não me digas nada — olha só para mim ! Quero extasiar-me de te ver, quero-me rever na tua belleza, — quero ler os teus pensamentos nos teus olhos — nos teus olhos, que se ríem com mais graça ainda do que os teus labios. *Pega-lhe nas mãos, e encara-a ternamente ; — ficam mudos por um instante.* D. Lucrecia os contempla mudamente com os braços cruzados. D. Francisco se levanta repentinamente. D. Lucrecia, apparecereis no meu saráu desta noite.

D. LUCRECIA

Eu, senhor Cenci ? !

D. FRANCISCO

Vós, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA

D. Francisco, vós sois meu esposo e meu senhor, — bem o sei; — porém pedi-me uma cousa honesta, se me quereis encontrar obediente.

D. FRANCISCO

Por Deus, D. Lucrecia! Dou um saráu em minha casa, e quero que minha mulher compareça nelle. — Ao que nisto chamais deshonesto?

D. LUCRECIA

A intenção, senhor cavalleiro.

D. FRANCISCO

A intenção! — Ora vamos; estais hoje de genio prazenteiro, e quereis divertir-vos comigo. Como vos aprouver.

D. LUCRECIA

Fallo sériamente, senhor.

D. FRANCISCO

Pois sériamente não me quereis conceder esta graça?

D. LUCRECIA

Não, senhor Cenci. Eu tambem vos poderia dizer que de ha muito que me conheceis, e bem deveis de saber que o meu genio pouco se accomoda com o rumor dos saráus, e que nunca pude achar distracção no meio de uma turba irreflectida, escutando lisonjas triviaes, que de as ouvir já as sei de cór.

D. FRANCISCO, *sorrindo-se para Beatriz.*

Minha Beatriz, deixa-me só com tua mãe.

BEATRIZ

E ella demora-se muito?

D. FRANCISCO

Não — já te segue.

BEATRIZ, *abraçando a D. Lucrecia.*

Então vem já?

D. LUCRECIA, *beijando-a.*

Vou já — vai descansada.

SCENA IV

OS MESMOS — *menos* BEATRIZ

D. Francisco Cenci senta-se negligentemente na ottomana. — D. Lucrecia — em pé de braços cruzados — vivamente agitada, olha para o outro lado da scena.

D. FRANCISCO

Agora que estamos sós, D. Lucrecia, quereis tomar o trabalho de me explicar a vossa repugnancia de comparecer n'um saráu, para o qual tão instantemente vos convidou?

D. LUCRECIA

E não a comprehendéis, D. Francisco?

D. FRANCISCO

Não vol-a perguntaria, se a comprehendesse.

D. LUCRECIA

E quereis que vol-a diga?

D. FRANCISCO

É o que vos peço.

D. LUCRECIA

É porque é uma infamia, D. Francisco, quererdes vós mesmo seduzir a vossa filha!

D. FRANCISCO, *com hilaridade.*

Por minha alma, D. Lucrecia, — como tão negros pensamentos vos passam pela imaginação?

D. LUCRECIA

Pelo que tendes feito, e pelo que pretendeis fazer.

D. FRANCISCO

Pelo que tenho feito! pelo que pretendo fazer! Mas o que hei feito é dar saráus á minha filha; — o que pretendo fazer é distrahil-a simplesmente, é indemnizal-a desse tempo tão longo que ella passou erma e sósinha n'um recanto do meu palacio.

D. LUCRECIA

E donde vos veio esse amor tão ardente, que ha tão pouco sentis por Beatriz?

D. FRANCISCO

Nunca amastes vossos pais, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA

Mas entre nós ha um grande intervallo. Amardes os vossos filhos — sentirdes o que todos sentem! é isto crível?! Se uma voz se alevantasse hoje para o apregoar, a metade de Italia a desmenteria com toda a força da sua convicção, — e a outra metade, que melhor vos conhecesse, pensaria no excesso, como eu penso.

D. FRANCISCO

Meu amor, é preciso ter um coração muito depravado para tão mal pensar dos outros; — não vos

quero fazer tal injustiça. Vossas palavras sahem dos labios, mas não creio que partam do coração. Assim, conto comvosco.

D. LUCRECIA

Fazeis mal.

D. FRANCISCO

D. Lucrecia, é preciso que uma vez sequer fallemos claro, — é preciso que nos entendamos. D. Lucrecia, casei-me comvosco por me doer de vós; — ereis bella e quasi mendiga! — estendi-vos a mão protectora, como o faria a outra qualquer creatura nova e bella como o ereis então, ainda quando fosse dessas desgraçadas que se assentam nas escadarias do meu palacio, que ahi dormem e que vivem do alimento rejeitado por meus servos e por meus cães.

D. LUCRECIA

Felizmente, senhor, eu nunca me assentei nas escadarias do vosso palacio, e não mendiguei o titulo de vossa esposa; — muito antes que o vosso nome fosse conhecido, mesmo pelos barqueiros do Tibre, o meu nome de familia — o appellido — dos « Petroni » figurava dignamente entre os mais illustres do seu tempo.

D. FRANCISCO

Ora vêde como são as cousas! Hoje o homem que vos encontra e que vos saúda, não se recorda desse vosso nome de familia tão famigerado e tão antigo, mas cumprimenta-vos e perante vós se descobre porque usais do appellido do miseravel barqueiro. Deixai-me pois acabar. — Do que ereis, fiz o que sois, — isto é — de uma mulher sem fortuna e sem consideração, fiz uma mulher poderosa e respeitada. Em troca

de tudo isto só vos pedia um pouco de condescendencia; não o quizeste; — muito bem, D. Lucrecia. Agora já me não contento com o pouco que vos pedia; — agora quero muito, quero obediencia cega — illimitada. — Entendeis?

D. LUCRECIA

Bem vos comprehendo, senhor.

D. FRANCISCO

Conto comvosco!

D. LUCRECIA

Fazeis mal.

D. FRANCISCO

Estais hoje insupportavel de embotado que tendes o vosso espirito. Não comprehendeis que depois do marido vem o senhor, e que depois do rogo vem a ordem? E que farieis então?

D. LUCRECIA

Desobedeceria, como agora.

D. FRANCISCO

Ah! (*Apertando-lhe o braço e batendo com o pé no chão.*) Sabeis o que está por baixo de nós, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA

Um carcere.

D. FRANCISCO

E sabeis que nesse carcere vos posso ter encerrada annos e annos — sem verdes nem céu nem terra, nem sol nem lua; — que vos posso fazer expirar impenitente, — que vos posso prolongar a vida no meio de

tormentos, e que depois de tudo isto ainda me resta dinheiro para comprar o silencio dos vossos ou a impunidade do Santo Padre? Sabeis?!...

SCENA V

Os MESMOS e PAULO

PAULO

Senhor D. Francisco!

D. FRANCISCO

Que vens cá fazer?

PAULO

Executar as ordens de V. Exc.

D. FRANCISCO

Ah! Deixai-nos, D. Lucrecia; depois teremos occasião de reatar esta pratica, que me parece tanto vos delectava.

D. LUCRECIA

Já vos disse que não, D. Francisco; fazei o que vos aprouver.

SCENA VI

D. FRANCISCO e PAULO

D. FRANCISCO

Então Paulo, sabes quem é o vulto?

PAULO

É o senhor Marsio.

D. FRANCISCO

Marsio! Oh! devo-te muito, meu Paulo! (*Arranca um collar.*) Recebe isto como principio de pagamento.

PAULO

E elle está aqui!

D. FRANCISCO

Aqui! — Insensato. — Onde está?

PAULO

Na camara da senhora D. Lucrecia.

D. FRANCISCO

De Lucrecia! — A primeira graça que me pedires, bom Paulo — grande, bem grande — não peças pouco — eu t'a farei.

(*Cahe o panno.*)

ACTO II

PERSONAGENS

LUCRECIA PETRONI
BEATRIZ CENCI
FRANCISCO CENCI
MARSIO
PAULO

ACTO II

*Um aposento de mais luxo do que o do primeiro acto.
— Portas lateraes. — Portas no fundo. — Ca-
deiras.*

SCENA I

MARSIO e BEATRIZ

BEATRIZ

E sabes tu, Marsio, que eu tinha medo de conver-
sar contigo!

MARSIO

Medo! de que?

BEATRIZ

Sei-o eu!... Tinha medo! parecias-me um homem
tão sério, que eu me arreceiava de não estar contigo
à minha vontade.

MARSIO

Então, Beatriz, tambem eu me arreceio de que em
breve te desgostes de mim, porque não posso ser jo-
vial.

BEATRIZ

Eu! porém eu gosto de vêr-te assim, Marsio; gosto
muito.

MARSIO

Muito?

BEATRIZ

Muito. Pareces-me assim muito melhor do que quando vinhas cantar debaixo de minhas janellas. E que lindo que era o romance que me cantavas!

MARSIO

Achaste-o lindo!

BEATRIZ

Muito lindo. — Tens uma voz tão doce!... Oh! depois que ouvi a tua voz tenho vergonha de me ouvir a mim mesma.

MARSIO

Tua voz, Beatriz! — Tua voz é insinuante, como o teu rosto é divino! Quando eu te avistei pela primeira vez, minha doce Beatriz, disse eu para comigo: — Oh! ouvil-a uma vez sómente uma vez! ouvir-lhe os accentos de branda ternura, que o coração derrama nos labios, — e depois morrer! Certo, minha doce Beatriz, que o instante em que me dissestes — eu te amo — foi o melhor instante de me cravarem um punhal no coração! — Doce me seria viver contigo; só contigo: porém mais doce — oh! mil vezes mais doce — morrer aqui — a teu lado — em teus braços — deixando nos teus olhos a derradeira chamma dos meus olhos, e nos teus labios o derradeiro suspiro dos meus labios.

BEATRIZ

Marsio, como tu és máo! porque me fallas tu nessas cousas que me atemorizam, tu que és tão bello quando te sorris para mim?

MARSIO

Oh! não cures dessas palavras loucas. Morrer! Quem fallou em morrer? Agora é que eu preciso de viver; — agora quero ser teu d'alma e coração! — agora quero ter uma longa vida para só pensar em ti, minha formosa Beatriz. — Um...

BEATRIZ, *esquivando-se.*

Marsio, commo tu és bello! como tens gentil presença, meu Marsio! — Senta-te. — Deixa-me ver bem o teu rosto; — andava sequiosa por t'o ver bem de perto. (*Encarando-o.*) Como tu és bello! que negros que são teus cabellos! (*Concertando-os.*) Quero annelar-t'os bem annelados em roda da tua cabeça... Ah! não olhes para mim, que se me olhares...

MARSIO

Que se eu te olhar?...

BEATRIZ

Não poderei ver senão teu olhos, meu gentil cavalleiro.

MARSIO

Ah! não me falles assim, que me enlouqueces! Beatriz, Beatriz, tambom eu te quero ver, — quero vêr-te sempre, minha doce Beatriz. — Vem — senta-te — aqui — a meu lado...

BEATRIZ

Não, aqui a teus pés.

MARSIO

Aos pés do teu escravo!

BEATRIZ

Meu escravo e meu senhor.

MARSIO

Teu senhor, meu anjo! Oh! que me fôra pouco um throno para pagar-te essas palavras tuas tão singelas, tão nuas que me vem direitas ao coração!

BEATRIZ

E tu m'as quererias pagar?

MARSIO

Com o meu sangue, se o pudesse.

BEATRIZ

Prodigio! E o que te ficaria para me dares a mim?

MARSIO

Minha alma — para que fosses minha.

BEATRIZ

E não sou eu tua?

MARSIO

Não és, não. — Eu quizera estar só contigo — todos os dias — a todo o instante — sem receios de que nos viessem interromper — sem receios de ser descoberto, quando viesse ter contigo, entrando por casa alheia como um ladrão nocturno. Eu quizera passar a minha vida contigo — a sós contigo — sempre contigo, ouvindo a tua voz, quando me fallasses, e quando estivesse calada, lendo os teus pensamentos angelicos no teu rosto d'anjo.

BEATRIZ

Tambem quizera viver contigo; queria vêr-te sempre e sempre — e que sempre me amasses como agora. Ah! quanto eu seria feliz!

MARSIO

E eu, Beatriz!

BEATRIZ

Tambem tu, Marsio?

MARSIO

Cruel! — Não és tu só meu prazer, minha só felicidade? Não és tu minha vida, meus pensamentos, minha alma? — e perguntas-me se eu viveria feliz contigo! — Viver contigo! — seria concentrar a vida n'um só instante de ventura e de enlevos, — seria começar a gozar o paraíso na terra, — seria receiar a morte, mesmo tendo a certeza de ir para os céos, onde meus pais me esperam, porque me não separasse de ti por um só instante!

BEATRIZ

E meu pai, Marsio, e meu pai?

MARSIO

Teu pai, que importa?

BEATRIZ

Foi um dia de lucto para elle o dia em que minha irmã se casou!

MARSIO

Não te ama elle?

BEATRIZ

Oh! Muito.

MARSIO

Então não tenhas receios, minha Beatriz.

BEATRIZ

E tu crês, Marsio, que elle será tão teu amigo como eu?

MARSIO

Creio que elle me dará a tua mão.

BEATRIZ

Oh! ja não tenho receios! — Quem deixará de te amar, quando te conhecer tão bem, como eu te conheço? Meu pai será teu amigo; — e então, — então...

MARSIO, *apertando-a nos braços.*

Então serás minha.

SCENA II

OS MESMOS e D. LUCRECIA

Beatriz tem as costas voltadas para ella.

MARSIO, *soltando-a.*

Tua mãe!

BEATRIZ, *nos braços de D. Lucrecia.*

Ah! minha mãe, como eu sou feliz!

D. LUCRECIA

Sempre o sejas, minha filha. — Cavalleiro...

MARSIO

D. Lucrecia, tenho de vos pedir mil perdões de me achar em vossa casa sem licença vossa.

BEATRIZ

Ah! Marsio, foi minha boa mãe quem me disse de vir aqui fallar contigo!

MARSIO

Vós, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA

Eu mesma, Senhor.

MARSIO

Assim, a chave do parque — as instrucções que esta manhã recebi...

D. LUCRECIA

Eram minhas.

MARSIO, *biejando-lhe a mão com transporte.*

D. Lucrecia, D. Lucrecia, — tão grandes favores não se pagam com palavras! Se alguma vez caredes do humilde cavalleiro, a quem tão delicadamente hoje servistes, juro-vos pelas almas de meus pais, pelo amor de Beatriz — que podeis contar comigo.

D. LUCRECIA

Senhor Marsio, dizer que esta resolução foi por mim tomada só com o intento de vos obsequiar, seria mentir-vos; porém tambem não seria verdade dizer-vos que não foi para bem vosso.

MARSIO

Foi para a minha felicidade.

D. LUCRECIA, *sorrindo-se.*

Não me entendeis, cavalleiro. — Beatriz, vê se o caminho por onde veio o Senhor Marsio, desde a porta do parque até aqui, está desempedido, para que elle possa retirar-se livremente.

BEATRIZ

Já, minha mãe?

D. LUCRECIA

Demasiado tem sido a demora. (*Beatriz s'he pela porta do fundo. D. Lucrecia segue-a com os olhos.*)

SCENA III

MARSIO e D. LUCRECIA

D. LUCRECIA

Vêdes aquella menina, Senhor Cavalleiro? (*Fecha a porta do fundo e volta.*) Eu a estimo como a filha minha, e foi para bem della e tambem vosso que vos fiz penetrar até aqui. — Deveis de presentir que eu não sou vossa inimiga.

MARSIO

Bem o conheço, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA, *sentando-se.*

Conversemos pois a seu respeito como dois bons amigos que somos e que havemos de ser.

MARSIO

Como vos aprouver.

D. LUCRECIA

Sentai-vos. Para nós ambos é necessario esta practica bem que difficil e penosa. — Dizei-me, Senhor Marsio, que pretendeis fazer?

MARSIO

Eu, D. Lucrezia!

D. LUCRECIA

Vós mesmo, Cavalleiro. — Bem vêdes que a este principio é necessario um remate, qualquer que elle seja; — eu, por minha alma que vol-o desejo bom e feliz.

MARSIO

E assim o espero; bem que isso dependa inteiramente da vontade do vosso nobre esposo.

D. LUCRECIA

E pretendeis pedir-lhe a mão de Beatriz.

MARSIO

Tal é o meu intento.

D. LUCRECIA

Mal pensado. (*Marsio a encara maravilhado.*) Digo-vos que mal pensastes. Conheceis a D. Francisco?

MARSIO

De vista.

D. LUCRECIA

E não receais que lhe falte a vontade de dar sua filha a quem elle tão pouco conhece?

MARSIO

Está nas mãos d'elle conhecer-me quando tiver vontade para isso. Eu sou o unico descendente de uma familia abastada e nobre. Meus pais me legaram o seu nome e a sua nobreza adquirida no tempo das grandes acções e dos feitos gloriosos: eu, se a não tenho augmentado, tambem não haverá quem diga que a deslustro.

D. LUCRECIA

Bem conheço os vossos titulos, Senhor Marsio, — muitos são, porém este é um negocio de vontade, deveis por tanto consultar-vos e consultar os vosso amigos antes de vos submeterdes imprudentemente a serdes desattendido.

MARSIO

E que posso eu receiar, se D. Francisco me tiver tão boa vontade como a tendes vós, D. Lucrecia?

D. LUCRECIA

Monti era, como vós, nobre, rico e bem apessoado; também eu me interessava em que se effectuasse o seu casamento com a irmã de Beatriz, e com tudo para que se elle realizasse foi necessaria a intervenção da Santa Séde. Consultai-vos! — talvez que tomeis outra resolução, — ou talvez que mesmo para a tomar vos demoreis por algum tempo.

MARSIO

Mas porque delongas?

D. LUCRECIA

Porque... — Nesta nossa desgraçada Italia muitos se armam voluntariamente Cavalleiros de Damas, que nem os viram, nem os conhecem. Quem sabe? — por ventura que evitarieis assim uma punhalada.

MARSIO

D. Lucrecia, mil vezes obrigado pelo interesse que por mim tomais; porém como só da minha vida se trata, tomarei, se m'o permittirdes, conselho de mim mesmo. (*Levanta-se.*)

D. LUCRECIA

Cavalleiro, sede prudente... (*Batem a porta. D. Lucrecia rudemente.*) Que me querem?

VOZ DE FÓRA

O meu nobre amo pede a honra de ser admittido á vossa presença.

D. LUCRECIA

Dize-lhe que o aguardo. Senhor Marsio, tende paciencia, esperai-me aqui. (*Abrindo a porta da esquerda.*)

MARSIO

Seria talvez imprudencia...

D. LUCRECIA

Imprudencia seria mostrar-vos. (*Apontando para a porta da direita.*) Dá para o aposento de D. Francisco (*para a do fundo*) esta para o interior do Castello. (*Para a da esquerda.*) Para o meu oratorio. Sede breve.

MARSIO

Vós mandais, D. Lucrecia. (*Vai a entrar.*)

D. LUCRECIA, *retendo-o.*

Senhor Marsio, dai-me a vossa palavra que não procurareis ouvir nem sequer uma syllaba do que aqui se vai dizer.

MARSIO

Eu vol-a dou.

D. LUCRECIA

Que se alguma cousa ouvirdes, será como se nada ouvísseis.

MARSIO

Já tendes a minha palavra.

D. LUCRECIA

E eu me confio nella. (*Lucrecia fecha a porta sobre Marsio — vai abrir a do fundo, e dá de cara com D. Francisco.*)

SCENA IV

D. FRANCISCO e D. LUCRECIA

D. FRANCISCO

Parece-me que escolhi mal a ocasião de estar um pouco na vossa companhia — para mim sempre tão agradável.

D. LUCRECIA

Sereis sempre bem vindo.

D. FRANCISCO

Não sei se assim fallais por mera civilidade, e com tudo me deveis agradecimentos pela intenção. Estais sempre — tão solitaria — tão só — que eu o julgo, tendes algum secreto pezar, de que eu vos devo distrahir.

D. LUCRECIA

Enganai-vos, porém, eu vol-o agradeço.

D. FRANCISCO

Talvez me engane, porém, quem como eu, se não enganaria? — Mesmo nesta casa, que é vossa, evitais a companhia de quem quer que seja, e toda vos concentrais no vosso aposento como n'uma clausura.

D. LUCRECIA

D. Francisco, tomastes pouco trabalho para me fazer respeitar pelos vossos escravos, a mim que sou vossa mulher. Separo-me delles para que me não falem ao respeito.

D. FRANCISCO

Sois injusta, D. Lucrecia; não sois vós a minha

esposa? e quem vos offendesse não me offenderia a mim também?

D. LUCRECIA

Tarde o comprehendeis.

D. FRANCISCO

Digo-vos que sois injusta; e todavia eu vos peço perdão, porque muito vos amo. (*Sentando-se.*) Sentai-vos D. Lucrecia. (*D. Lucrecia quer afastar a cadeira.*) Oh! dexai-as estar que bem estão. Certo que os que nellas se assentaram, se alguns foram, acharam em tal proximidade alguma razão de conveniencia, que nos não pôde prejudicar. Não vos parece?... Agora vejo que ainda vos não esquecestes da insignificante altercação que ha pouco se originou entre nós. E-me também preciso pedir-vos perdão de tal! — humildemente vol-o peço. Bem sabeis que sou de genio arrebatado — que não sei condescender — que preciso de condescendencia. Como soubesse que estaveis só, vim ter comvosco pensando que talvez me quizesseis agora conceder por bem o que ha pouco tão brutalmente exigia.

D. LUCRECIA

D. Francisco, eu não sou nenhuma mulher caprichosa; o que eu digo, e o que eu faço — é o que eu entendo que devo fazer e dizer.

D. FRANCISCO

Ainda me enganei! E com tudo me parecia que para tal vos pedir seria a melhor ocasião aquella em que vos entregasseis a amorosos pensamentos, ou em que delineasseis fagueiros projectos de illusões e de esperanças.

D. LUCRECIA

Ha muito que esse tempo correu para mim. São extravagancias da juventude, que a nós outras pobres mulheres, cabe depositar na porta do templo, quando a alguém cedemos a nossa mão; — tanto peor para nós se a escolha foi desacertada.

D. FRANCISCO

Em verdade são bem tristes pensamentos, principalmente se viestes, como penso, dos pés da vossa Madona. D. Lucrecia, nas vossas extravagancias da juventude, como as chamais, devieis de ter em alguma conta a obediencia que a mulher tem ao marido. Ao menos vos devia ficar esta idéa, que talvez fosse a unica que vos devesse ficar.

D. LUCRECIA

E essa sempre a tive.

D. FRANCISCO

Porém como a entendeis !

D. LUCRECIA

Como a intendo; e dai graças a Deus que a encontrastes em mim tão ampla que em nenhuma outra Romana a encontrarieis. Vós ides de Napoles a Roma — desta a aquella cidade; n'uma e n'outra passais mezes e mezes, fazendo alarde dos vossos amores escandalosos, mostrando-vos orgulhoso de os ter, e desprezando a justiça de Deos e dos homens. O que vos tenho eu dito ?

D. FRANCISCO

É porque não sois ciosa, meu amor.

D. LUCRECIA

Mil vezes vos tenho dito que estou bem longe de vos ter amor, — depois d'aquelle dia em que vos pedi reparação de um insulto que me fizera uma mulher da classe infima, e em que vós me espancastes porque essa mulher era vossa manceba. D'ahi por diante para merecer igual tratamento do nobre Cavalleiro, meu esposo, — não me tem sido preciso pedir reparação dos insultos que por suas amasias me são feitos.

D. FRANCISCO

É porque não sabeis lidar comigo, D. Lucrecia. Pouco me importam os vossos amores; — pouco me importa que tenhais um ou mil amantes; porém já que vos não mostrais agradecida das occasiões que procuro para vos distrahir, — ao menos quero que sejais condescendente : nada mais vos peço.

D. LUCRECIA

Quando quizerdes, — uma vez que me não torneis a fallar desse negregade saráu.

D. FRANCISCO

E delle é que vos fallo.

D. LUCRECIA

Fazeis mal.

D. FRANCISCO

Porque, D. Lucrecia ?

D. LUCRECIA

Porque... porque... Já disse o que tinha para vos dizer.

D. FRANCISCO

E persistis em tal resolução ?

D. LUCRECIA

Se persistirei, D. Francisco! E preciso que me reputeis cousa bem pouca, bem vil, para que me julgueis capaz de figurar nos vossos saráus, mesmo sem este motivo porque agora o não faço. Seria preciso que eu não soubesse córar para comparecer no meio dessa turba dehonesta e lubrica — escolhida dentre os mais deshonestos e os mais concupicentes da classe *mininta*, a classe mas infima de Roma. Quereis por tal meio seduzir a vossa filha, que educastes longe do mundo, e que apezar de ingenua e candida estranha não ver sua madrastra nas festas de seu pai, — de não ver um rosto conhecido no meio de tantos desconhecidos; e me escolhestes para desempenhar tal papel revolvendô-me em tanta vergonha! — Por Deos, D. Francisco, se entre nós não ha nem amor, nem amizade, nem carinhos, nem condescendencia, — nem a protecção do mais forte, nem a solicitude do que mais ama, nem a sisudeza que deve reinar entre esposos, nem a delicadeza que deve de haver entre Dona e Cavalleiro; — se nada disto existe entre nós, não é isto razão bastante para que eu segure vossa filha pela mão, para que a introduza no vosso quarto, e para que a deite no vosso leito que tambem é meu. Escolhei para tal emprego a quem vos aprou-ver, meu Senhor: mas a mim!... a mim!... tão vil vos pareço?

D. FRANCISCO

Quem está no vosso oratorio, D. Lucrecia? (*D. Lucrecia estremece. D. Francisco levanta-se.*) Oh! que mulheres pudicas, honestas e virtuosas! Que mulheres cheias de dignidade e de nobres sentimentos!

Vós todos que as encontrais nas ruas ou nos passeios, humilhai-vos, cedei-lhes o logar mais nobre; se as encontrais nos theatros ou nas igrejas — curvai-vos, cumprimentai-as; se as encontrais em visitas e saráus, emmudecei-vos ou retirai-vos para que o orgulho da mulher nobre e virtuosa e sobranceira não parta dos seus olhos rutilantes a nivelar-vos com o solo. — Cumprimentai-as, curvai-vos, que não sabeis esconder os vossos amores, que preferis a franqueza á hypocrisia. Oh! que virtuosas esposas que vós sois! Tendes sempre a increpação nos labios, sempre palavras austeras que não partem do coração, e escondes devotamente os vossos amantes dentro das vossas capellas! D. Lucrecia, mais rigidez nas acções e menos austeridade nas palavras.

D. LUCRECIA

E quem vos disse que eu tinha alguem na minha capella?

D. FRANCISCO

Podeis mentir. — Quem está n'aquelle aposento?

D. LUCRECIA

Não vos mentirei, senhor. — Acreditai-me: não é meu amante.

D. FRANCISCO

Pouco me importa que elle seja vosso amante ou que deixe de o ser. Quereis apparecer neste saráu?

D. LUCRECIA

D. Francisco, pedi uma cousa que eu sem vergonha vos possa fazer.

D. FRANCISCO

Vergonhosa mulher que vós sois! Recusais apparecer no festejo de vosso marido porque é deshonesto e indecoroso, e ficais orando aos pés da vossa Madona, porque ali tendes o amante cobarde que escondido vos aguarda! — Não quereis? — não é assim? Também não haverá nesta casa nem saráu, nem divertimentos; quero fazel-o apunhalar, e amanhã D. Lucrecia, quando eu vos houver accusado como adultera, já não será tempo de vos arreponderdes.

D. LUCRECIA

Seria uma infamia, D. Francisco!

D. FRANCISCO

Amanhã Roma dirá qual de nós é o infame.

D. LUCRECIA

D. Francisco, esse homem não é meu amante: juro-vos que não é meu amante!

D. FRANCISCO

Jurai quanto quizerdes! Porém que vos importa a morte desse homem? — Que cousa ha mais simples para uma Lucrecia do que justificar-se? — Vós vos justificareis e Roma folgará com a vossa innocencia. Eu, porém, como a um bom romano cumpre, me encarregarei do Tarquinio. — Paulo!

D. LUCRECIA

D. Francisco!...

D. FRANCISCO

Persisti no vosso intento.

SCENA V

Os MESMOS e PAULO

D. FRANCISCO

Paulo!...

D. LUCRECIA

Farei o que quizerdes, D. Francisco.

D. FRANCISCO, *cortezmente.*

O vosso braço, minha senhora. (*D. Lucrecia dá-lhe o braço.*) A chave do vosso oratorio. (*D. Lucrecia dá-lhe a chave. D. Francisco voltando-se para Paulo.*) N'aquelle oratorio está um cavalleiro, nosso muito particular amigo. (*Com intenção.*) Não procureis re conhecê-lo. Tu o deixarás são e salvo fóra dos muros deste Castello.

(*Cahe o panno.*)

ACTO III

PERSONAGENS

D. LUCRECIA PETRONI.
BEATRIZ CENCI.
LÆTITIA.
D. FRANCISCO CENCI.
O ABBADE OLYMPIO.
STENO.
STROZZI.
MONTANO. } Cavalleiros.
LEONI. }
VISCANTI. }

Um pagem, Mascaras, Cavalleiros, Damas.

ACTO III

Um toucador. — D. Lucrecia vestida de lucto, sem adereço nem jóias : Lætitia toucando-a.

SCENA I

LÆTITIA

Que feliz que foi a vossa escolha, minha Senhora! que bem que vos está este vestido de lucto, que eu julguei vestieis só por mera exquesitice!

D. LUCRECIA

Lætitia, já voltou o pagem que eu mandei a Roma?

LÆTITIA

Já deve ter voltado. — Ah! como todas essas Donas do Saráu todas carregadas de brilhantes se morderão de inveja, quando apparecerdes no meio dellas, dando mate ás mais formosas, apezar do vosso modesto vestuario!

D. LUCRECIA

Acaba com isso, Lætitia.

LÆTITIA

Prompta estais, porém se me quizerdes attender, apparecereis no baile quando elle estiver no seu

auge, e, pela Madona, o Senhor Cenci estranhará de vos ver tão bella.

D. LUCRECIA, *levantando-se.*

Vê se o pagem está ahí. — A minha mascara.

LÆTITIA

Quereis por força acabar de uma vez com a vossa reputação! esconder um rosto como o vosso...

D. LUCRECIA

Fallas muito Lætitia.

LÆTITIA

Vou já, minha Senhora. (*Sáhe.*)

SCENA II

D. LUCRECIA

Estou prompta! só me falta a mascara! Ah! saráus de meu marido, saráus infames onde é preciso esconder o rosto, para que o sangue nos não rebente das faces á força de vergonha! E tenho de ali apparecer! eu! eu! levada para ali em triumpho para attestar a infamia de meu marido!...

SCENA III

D. LUCRECIA e LÆTITIA

LÆTITIA

Aqui tem V. Exc. á sua mascara.

D. LUCRECIA

E o pagem?

LÆTITIA

Espera as ordens de V. Exc.

D. LUCRECIA

Que entre; e escusas de voltar.

LÆTITIA, *curva-se.*

Á parte. Senhor Jesus, nunca a vi de tão máo genio! (*Sáhe.*)

SCENA IV

D. LUCRECIA e o PAGEM

D. LUCRECIA

Foste a Roma?

PAGEM

Como V. Exc. me determinou.

D. LUCRECIA

Fallaste ao Senhor Abbade Petroni?

PAGEM

Dei-lhe a carta.

D. LUCRECIA

E a resposta?

PAGEM

Que V. Exc. podia ficar descansada, bem que alguns negocios de ponderação lhe aconselhassem a deferir tal jornada.

D. LUCRECIA

Como elle vem, os seus negocios que o esperem.

Está bem, pagem, sê discreto. (*Faz-lhe com a mão signal que se retire.*)

SCENA V

D. LUCRECIA

Ah ! D. Francisco! muitos punhaes de bravos se embotaram sem vos roçar o corpo ; — muitas vezes desprezastes a ira dos salteadores que insultaveis ; — muitas vezes zombastes do velho que vos pedia contas de sua filha deshonrada. Mas o insulto que fareis a vossa filha, mas esta affronta que me fazeis a mim... por minha alma, tenho receio de que tarde vos arrependais de os ter feito ! (*Sáhe.*)

SCENA VI

A scena pomposamente decorada ; no meio arcos de flôres, no fundo passeiam ou danção Donas e Cavalheiros, ricamente vestidos. A musica toca brandamente e vai enfraquecendo-se pouco a pouco até parar.

STENO, STROZZI, LEONI, MONTANO

STENO

Vinde, vinde, cavalleiros ; — requintemos este prazer ; ouçamos a musica de longo, que certo nos parecerá mais doce.

STROZZI

E que me dizeis do Saráu, meus Senhores ? — Não vai bello !

LEONI

Sumptuoso.

MONTANO

Magnifico.

STENO

Quanto ao saráu nada ha que dizer, — são festas do nobre Cenci : ninguem sabia ganhar tão bem como o pai, como ninguem sabe despender tão magnificamente como o filho.

LEONI

E que boa vida, aqui se passa ! É a festa perpetua dos cinco sentidos ! E quem tal diria vendo de fóra o severo frontespicio deste castello ! É como um rosto de gigante.

SCENA VII

OS MESMOS e VISCONTI

VISCONTI

Bem dito, Senhor Leoni ; é um feio rosto de gigante com um formoso coração de donzella.

STENO

Bravissimo ! Visconti. — Tão poetico estás que eu aposto vindes dos pés da bella improvisatriz Darini !!

VISCONTI

Por minha alma, meus senhores, que nunca vi nem rosto mais lindo, nem genio mais ardente. Mas deixemos a Darini : de que se tratava ?

LEONI

Do saráu, Visconti : — Que diriam teus avós, os senhores de Millão e de Florença se presenciassem tão magestoso espectáculo?

VISCONTI

Quem sabe, Leoni? — Talvez dissessem que para os dar não foram inúteis as suas lições de perto de dois seculos.

ALGUNS

Bravissimo! bravissimo!

MONTANO

Meus senhores, deixemo-nos de pratica vã; — que-reis saber uma galante anedocta?

VISCONTI

A anedocta, senhor Montano. — Bem vêdes que definhamos de curiosidade. (*Fazem roda.*)

MONTANO

É muito simples. — Marsio... conheceis?

STROZZI

Conhecemos.

MONTANO

Pois bem, cavalleiros; — o Senhor Marsio que parecia de um genio sério e reflectido, que desprezava as serenatas e os amores... em que havia de dar?

STROZZI

Deu em poeta!

MONTANO

Não.

LEONI

Em jesuita.

MONTANO

Tambem não.

VISCONTI

Ora! — difficil adivinhação que nos propondes, Senhor Montano! Aposto eu, meus senhores, que o Senhor Marsio tornou-se improvisador para ser corôado no Capitolio, como ia acontecendo ao Tasso.

MONTANO

Ainda não.

STROZZI

Não adivinhamos, Senhor Montano; — contai-nos.

ALGUNS

Contai-nos.

MONTANO

O Senhor Marsio... dá serenatas. (*Gargalhadas.*)

STENO, *rindo-se.*

Estás brincando, Montano! — Marsio dar serenatas!

MONTANO

Por Jupiter, meus senhores, ouvistes a verdade. Todas as noites o Senhor Marsio descanta saudosamente no parque deste castello.

VISCONTI

Ganhaste, Montano, ganhaste! Por Bacho que improvisas bellamente.

MONTANO

Tanto peor para vós se o não crêdes! O que vos posso dizer é que ninguem sabe se é em louvor da Ex^{ma} Sr.^a D. Lucrecia, ou da formosissima Sr.^a D. Beatriz.

VISCONTI

A proposito. Viste já, D. Beatriz?

MONTANO

Não.

VISCONTI

E tu?

STROZZI

Não.

VISCONTI

E tu?

LEONI

Não.

VISCONTI

Então ninguém a viu?

STENO

Ninguém.

VISCONTI

Pois, meus senhores, vi-a eu.

STROZZI

És feliz, Visconti.

LEONI

Onde a viste?

VISCONTI

No saráu.

LEONI, *rindo-se*

Bravo, Visconti, podes rivalizar com Montano.

VISCONTI

Fallo-vos verdade. — Juro-vos por S. Pedro, que, como sabeis, é a pedra de toque do reino celestial. É

um vulto negro, negro, todo negro que anda como um espectro aos encontros com um e com outro.

MONTANO

Eu vi esse vulto meus senhores.

LEONI

E eu também.

STENO

E eu também.

STROZZI

E eu também.

VISCONTI

Vêde! — vós vistes e talvez o tocasseis, e não crêdes?! Em verdade sois mais difficeis do que o bemaventurado S. Thomé.

LEONI

De vagar, Visconti. Quem te disse que esse vulto era a formosa Beatriz?

VISCONTI

Verdade, verdade; não vos quero mentir. Dizem-me que é uma mulher pudica e vergonhosa, que fôra educada longe do mundo. — Conclui que fosse ella porque trazia a cara coberta.

MONTANO

Bravo, Visconti! — Se fosse um homem talvez que ainda disseses que era a formosa Beatriz, que por disfarce trajava assim.

VISCONTI

Sr. Montano, eu disse que era D. Beatriz, porque julguei ser ella: porém como agora me parece que

por acinte me contradizeis, assevero-vos que será bem temerario o que nisto me retrucar.

LEONI

Bravo, Visconti, quero eu ser teu padrinho. Não se diga que nesta nossa Italia só ha tumlos e estas-tuas. Batei-vos, por Bacho ; hei de eu ser o padrinho.

STROZZI

Visconti, e se o vulto não for Beatriz, ainda haverá duello entre vós ?

VISCONTI

Bater-me-hei tambem comvosco, Strozzi, porque duvidastes da minha palavra.

LEONI

Bravo ! — tu és Visconti ; não ha que negar ! — Mais um duello ! mais um duello ! Visconti, não fomos sempre amigos. (*Tomando-lhe a mão.*) E eu quero ser padrinho de ambos os teus duellos !

VISCONTI

Serás, Leoni.

LEONI

Por Deos, que és um Visconti ! és um Visconti, que trazes uma espada em vez de uma garrafa de veneno como usavam teus avós.

VISCONTI

Leoni !

LEONI

Não te escandalises ! — então era moda, hoje não ; — eis o caso.

STENO

Visconti, fallais arrogante !

VISCONTI

Arrogante !!

STENO

Desafiar-me-heis outro dia ; — por hoje ainda somos bons amigos. — Queria eu dizer-te, Visconti, que me deixasses fallar. Meus senhores, vou dar-vos uma nova ainda mais espantosa do que todas as que me haveis dado. O senhor abbade Petroni é nosso companheiro de folguedo !

VISCONTI

Serio, Steno ?

STENO

Sério ; e demais bem o poderás reconhecer que elle, tambem como nós outros, traz a cara descoberta.

VISCONTI

O abbade Petroni é um cobarde ! — Dizem que ha dias regeitou um duello.

STROZZI

E bem fez elle ! que por tal feito cahiu de tal modo em graça para com S. Santidade, que contra todo o direito vai ser eleito Cardeal.

SCENA VIII

Os MESMOS, D. LUCRECIA, *mascarada atravessa a scena lentamente.*

STENO, *em voz baixa.*

Eis o vulto.

VISCONTI

É o mesmo.

LEONI

Visconti, falla-lhe que é teu conhecido.

VISCONTI

Não; eu disse que era D. Beatriz, e ha de ser D. Beatriz.

STROZZI, a Leoni.

Saibamos quem é.

MONTANO, *juntando-se aos dois.*

Quem será ?

LEONI

Vejamos. — Bello mascara. (D. Lucrecia volta-se para elle, Leoni recúa.)

MONTANO

Então, Leoni! tens medo?!

LEONI

Ora, eu?! (*Adiantando-se.*) Comparavamos este festejo ao jardim encantado de Armida; porém a vossa presença a não serdes o maior encantamento delle...

D. LUCRECIA

Comparaveis bem! Nem faltam papagaios que fallam. (*Passa.*)

MONTANO, *rindo-se.*

Então, Leoni?

LEONI

Oh! se fosse um homem... teriamos um duello de mais. Não quero que se diga que a Italia é uma terra de tumulos e de estatuas.

SCENA IX

OS MESMOS D. FRANCISCO e BEATRIZ. *Roda de convivas; entre elles um homem todo negro, mas sem mascara, que fica de um lado observando a scena; do outro lado D. LUCRECIA.*

VISCONTI

D. Francisco, de ha muito que vos aguardamos; queriamos felicitar-vos pelo maravilhoso sarau com que nos brindais; porém agora, cavalleiro, só ouvireis queixas por vos terdes furtado aos nossos parabens e agradecimentos.

D. FRANCISCO

Visconti, por ventura que me não deveis parabens nem agradecimentos. — Leoni Strozzi, Montano, — todos vós meus jovens amigos eu vos agradeço a cortezia que tivestes para comigo aceitando o meu convite; porém como em pagamento da vossa condescendencia, tenho a honra de vos apresentar minha filha — D. Beatriz.

MONTANO

É uma honra que nos fazeis, D. Francisco, pela qual vos ficamos summamente agradecidos. — D. Beatriz se não mereço ser vosso cavalleiro, ao menos espero que tereis a bondade de me contar em o numero dos vossos humillissimos servos. (*Beija-lhe a mão.*)

BEATRIZ

Sr. Montano, — parece-me que assim vos chamais, os amigos de meu pai, que eu tenho em muito, não

serão meus servos senão meus amigos, quando me quizerem conceder esta graça.

VISCONTI

D. Beatriz, a fama vos apregôa a mais formosa donzella de toda a Italia; e eu sou assaz feliz em poder asseverar de hoje em diante, que não desmereceis tal pregão, e que sendo a mais formosa não deixais de ser a mais discreta. (*Beija-lhe a mão.*)

D. FRANCISCO

Cavalleiros, desculpareis o acanhamento de minha filha; foi educada longe do mundo, e ainda não aprendeu o seu praticar.

STROZZI

E bem fizestes vós, D. Francisco. A flôr exquisita e delicada deve ser educada em um palacio de christal.

LEONI

Comparaste mal, Strozzi; — D. Beatriz é italiana; e viva Deos, o ar puro da Italia cria flôres mais bellas do que essas estrangeiras, que para vegetar carecem de tão assiduos cuidados nossos.

D. FRANCISCO

Vinde, vinde, cavalleiros a dança nós espera.

VISCONTI

Tendes par, D. Beatriz?

D. FRANCISCO, *sorrindo-se.*

Já o tem

VISCONTI

Mal sabeis quanto o invejo?

D. FRANCISCO

Cavalleiro, mal sabeis quanto me lisongeis.

VISCONTI

A vós, D. Francisco?!

D. FRANCISCO

A mim. (*Sahem.*)

SCENA X

D. LUCRECIA *se aproxima vivamente do vulto.*
Durante esta scena as luzes vão esmorecendo pouco a pouco. D. LUCRECIA e OLYMPIO PETRONI.

D. LUCRECIA

Petroni!

PETRONI

Lucrecia! (*D. Lucrecia descobre-se.*) Tenho-te procurado por toda a parte, e sem te conhecer muitas vezes tenho roçado por ti.

D. LUCRECIA

Queria que os visses primeiro, Olympio.

PETRONI

A quem?

D. LUCRECIA

A D. Francisco e a Beatriz. — Que te parece Beatriz?

PETRONI

Que me importa essa mulher?

D. LUCRECIA

E se te importasses com ella?

PETRONI

Eu a diria uma flôr arraigada á cratera do Vesuvio! mas... o que me queres?

D. LUCRECIA

E eu, Olympio, o que te pareço.

PETRONI

O que me queres, Lucrecia?

D. LUCRECIA

Que te pareço, Olympio?

PETRONI

Lucrecia, parece-me bem mal que presencieis semelhantes espectaculos. Certamente não foi em casa do nosso velho pai que aprendeste a arrostar todo o cynismo e immoralidade que ali reina. (*Apontando para dentro.*) E que em nada differem dos saráus de Alexandre VI. — Porém peor me parece que tambem a mim me fizesses parte desta gente realmente mundana. — Que não dirá de mim S. Santidade?

D. LUCRECIA

Dirá que vieste para um negocio de familia, para vingar tua irmã.

PETRONI

A ti, Lucrecia?!

D. LUCRECIA

A mim mesma. Sabês, Olympio? — Fui constrangida a apparecer neste lupanar!

PETRONI

E quem te pôde obrigar?...

D. LUCRECIA

Meu marido.

PETRONI

Teu marido! — bem o conheço eu capaz de tal feito.

D. LUCRECIA

E sabes para que, Olympio? — sabes?... sabes?... para que eu o ajudasse a deshonnar sua filha.

PETRONI

Mulher, calumnias a teu marido!

D. LUCRECIA

Não conheces a D. Francisco, Olympio? É verdade o que acabaste de ouvir; — é tão verdade como estar eu aqui, — tão verdade como haver este saráu, — tão verdade como ser elle um Cenci.

PETRONI

E o que queres tu que eu faça?

D. LUCRECIA

Que me vingues.

PETRONI

E como, Lucrecia?

D. LUCRECIA

Não és tu cavalleiro? Eu e tu, ambos nós, não nos appellidamos Petroni?

PETRONI

Esqueces que eu sou um padre?

D. LUCRECIA

Lembro-me que és nobre. Sabes tu que ameaças arrotei antes de dar este passo? — Sabes tu por que trama horrivel fui obrigada a ceder? — Sabes tu que injurias vomitou elle contra o nosso nome, contra a nossa familia, — elle, um homem pervertido, um

nobre com nobreza comprada, elle, um Cenci? — Tu foste o autor deste casamento, pois sabe; — ainda hoje me comparou elle com essas mulheres, que se assentam á porta do seu castello, mendigando uma esmola, e como a ellas, por caridade, me atirou com o seu nome. Olympio! Olympio! elle me tem dado o mesmo tratamento que daria a essas mendigas! (*Mais baixo.*) Muitas vezes tenho eu sentido a sua mão contra o meu rosto! — tu não o sabias, que a ninguem o tenho dito; — não o sabias — não o podias imaginar. Pois agora que o sabes, Olympio, quero ser vingada.

PETRONI

Lucrecia, eu te farei o que te poder fazer; — informarei a S. Santidade de tal proceder, — pedir-lhe- hei um divorcio em teu nome...

D. LUCRECIA, *ironicamente.*

Tens de lhe pedir o chapéo de cardeal! — pedir-lhe duas graças talvez fosse o meio de não obter nenhuma.

PETRONI

Pensas bem. (*Meditando.*) Talvez fosse o meio de não obter nenhuma.

D. LUCRECIA, *encarando-o.*

Que decides?

PETRONI

Eu verei, Lucrecia, eu verei!

D. LUCRECIA

Breve, Petroni: eu não posso esperar.

PETRONI, *timidamente*

Talvez que alguns dos meus amigos se quizesse encarregar desse negocio.

D. LUCRECIA

Oh! és um cobarde! Queres alcançar o chapéo de cardeal por uma cobardia, e por cobardia não o queres perder. Petroni, o habito de que usas tirou-te o sentir de um nobre! És verdadeiramente um padre! Que!... tratam-me como se eu fosse uma escrava; — insultam-mo — insultam o teu nome, — e não te assoma o rubor ao rosto, — e fallas de divorcio, — e perguntas-me: — o que dirá S. Santidade?! — E o que diria meu pai? Ainda que velho e enfermo como eu o conheci, seria bem atrevido o que ou sasse tocar em sua filha com um dedo, — seria bem atrevido o que o insultasse no seu nome! — e a qual-quer chamado Petroni, que não soubesse por onde se pega n'uma espada, que para se vingar ainda ignobilmente de uma affronta precisa, não do braço, porém das palavras de um terceiro... Por Deos que elle o despojaria das insignias de cavalleiro — e para ver se esse, quem quer que elle fosse, ainda tinha sangue nas veias, lhe açoitaria as faces com a prancha de uma espada, que não com a sua porque a não manchasse.

PETRONI

Não pensas bem, Lucrecia. A nossa classe...

D. LUCRECIA

É interesseira como todas as mais e talvez mais que todas. Sr. Petroni, correi aos pés de S. Santidade, que se póde esquecer do vosso pedido.

PETRONI

És injusta, Lucrecia!...

D. LUCRECIA

Correi! correi! Sr. Petroni! Já não sois meu irmão! Vós vos déstes tão acrisoladamente ás cousas do céo, que não se vos dá do que se passa na terra. Se ambicionais ser Cardeal, é porque achais celeste o titulo de Emminencia. Ide-vos, Senhor; ide-vos, e asseguro-vos que de todo o meu coração vos quizera ver papa, porque vos não chamasseis tambem Petroni.

PETRONI

Lucrecia.....

SCENA XI

Entra Beatriz desgrenhada e correndo. A scena está quasi ás escuras.

BEATRIZ

Minha mãe!... Minha mãe!... Ah! (*Lançando-se nos braços della e escondendo o rosto*) estou perdida!

D. LUCRECIA

Eu já o sabia!... Vinga-te.

BEATRIZ, *afastando-se.*

Vingar-me!... vingar-me!... de meu pai?!!...

D. LUCRECIA

Sim, de teu pai. — Ah! D. Francisco, tivestes o arrojo de me insultar e estupidamente adormeceis no vosso leito. Oh!... dormi, meu nobre esposo! — dormi tranquillo, que eu velarei solícita á vossa cabeceira.

(Cabe o panno.)

ACTO IV

PERSONAGENS

D. LUCRECIA PETRONI

BEATRIZ CENCI

D. FRANCISCO CENCI

MARSIO.

Um Pagem.

ACTO IV

O mesmo aposento do acto 2.º O mesmo arranjo de scena. Beatriz deitada n'uma ottomana. D. Lucrecia sentada n'uma cadeira baixa junto della, a encara com solitudine. Beatriz parece despertar; tem ar languido e quebrado.

SCENA I

D. LUCRECIA e BEATRIZ

D. LUCRECIA

Dormiste muito?

BEATRIZ

Não — não dormi.

D. LUCRECIA

Estás melhor?

BEATRIZ

Estou boa.

D. LUCRECIA

Estás muito pallida! — Hontem ninguem diria que podesses parecer mais formosa, e hoje ninguem dirá que não pareces melhor do que hontem.

BEATRIZ

Não me falles de mim.

D. LUCRECIA

Fallar-te-hei de ti, que te não quero ver pallida, apezar de assim me pareceres bem formosa; não te quero ver esse ar de occulto soffrimento. Decide-te e não scismes tanto.

BEATRIZ

Decidir-me! — a que?

D. LUCRECIA

A vingares-te!

BEATRIZ, *levantando-se sobre a ottomana.*

Vingar-me, vingar-me! (*Deixa-se cahir.*) Elle é meu pai!

D. LUCRECIA

E meu marido, Beatriz.

BEATRIZ

Deixa-me, deixa-me, D. Lucrecia!

D. LUCRECIA

Queres ficar só?

BEATRIZ

Ah, não, não!... Que vida é a minha! não quero ninguém ao pé de mim, e não posso ficar sósinha; — não quero que me fallem, e não posso supportar meus pensamentos! Minha boa mãe, quão doce me seria morrer agora!

D. LUCRECIA

Morrer — na tua idade! — Estas louca?

BEATRIZ

Bem sinto que enlouqueço; sinto-me quebrada, sem animo e sem força, e todavia penso: Ah! que vida cruel é esta do pensamento!

D. LUCRECIA

Pensa em vingar-te. — É doce o pensamento da vingança, e depois della podemos desejar morrer.

BEATRIZ

Não me falles assim!

D. LUCRECIA

Já fallaste a Marsio, Beatriz?

BEATRIZ, *levantando-se com a mão no peito.*

Ah!... que puhanlada que me dêste — aqui — aqui — no coração! Marsio! Marsio! (*Cahindo de joelhos.*) Por Deos, minha Mãe, não me falles nesse homem! — Esse nome me faz curtir dôres que me martyrisam, — dôres que me farão enlouquecer! Não me falles nelle.

D. LUCRECIA

Pobre filha, ainda não aprendeste a soffrer.

BEATRIZ, *levantando-se em delirio.*

Marsio, meu bello Marsio, vem, — vem cantar-me o teu romance por baixo da minha janella, — eu te escuto; — quero ouvir a tua voz, — quero ver o teu vulto por entre as laranjeiras, — quero ver o teu branco pennacho ondular ao sopro da viração, — quero ver o teu rosto, — quero ouvir a tua voz — ver-te sempre, ouvir-te sempre! — A porta falsa está aberta! — sóbe! sóbe! eu te aguardo; — quero fallar contigo, — quero annelar os teus cabellos em volta da tua cabeça, — quero sentar-me a teus pés, Marsio, meu formoso Marsio, meu nobre, meu gentil Cavalleiro. Ah! como eu te amo! (*Vai como para lançar-se nos braços de alguém e entra D. Francisco; ella recua.*)

SCENA II

OS MESMOS e D. FRANCISCO

BEATRIZ, *correndo a mão pela testa.*

Meu pai! — Quem me trouxe aqui! O que dizia eu?

D. FRANCISCO

Minha doce Beatriz. (*Ella recúa.*) Porque me foges tú? (*Ella recúa ainda.*) Não dizias tu que me amavas?

BEATRIZ

Ah!... (*Cahe na ottomana.*)

D. FRANCISCO

D. Lucrecia, muito estimo encontrar-vos.

D. LUCRECIA

Olhai para vossa filha, D. Francisco.

D. FRANCISCO

Os da minha familia custam a morrer: — deixai-a.

D. LUCRECIA

É o que costumais dizer de vossos filhos: — custam a morrer! — Sois um pai clemente, senhor D. Francisco! Para os vossos filhos cubiçaes a deshonra ou a morte.

D. FRANCISCO

Não vos fallo delles. Esta manhã foi apresentado a S. Santidade um requerimento, no qual se pedia um divorcio em vosso nome.

D. LUCRECIA

Não foi com o meu consentimento.

D. FRANCISCO

A verdade é que elle foi apresentado, e que pára em meu poder.

D. LUCRECIA

A verdade é que não foi com o meu consentimento.

D. FRANCISCO

E poderei eu perguntar-vos quem é que toma tanto a peito os vossos negocios?

D. LUCRECIA

Podeis, como eu vos posso responder: — Foi Olympio Petroni, meu prezadissimo irmão, que se tivesse mulher e filha talvez fosse... tanto como vós sois.

D. FRANCISCO

Sois demasiadamente orgulhosa, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA

Pois admira que me conhecendo vós tão orgulhosa me julgueis capaz de negar um feito que eu haja praticado. Não pedi um divorcio, D. Francisco, por que mesmo pedido por mim me seria mais deshonroso a mim do que a vós, — por que me seria preciso allegar factos pelos quaes a mais tempo eu devera ter pedido, porque eu não quero que ninguem saiba que um homem (*baixo*) ousou tocar-me nas faces. Meu nobre irmão, com a sua resignação evangelica esqueceu-se do que eu lhe disse, e por misericordia talvez se quiz intrometter nos negocios de sua irmã.

D. FRANCISCO

Fallaremos mais de largo sobre este assumpto. Deixai-nos, D. Lucrecia.

D. LUCRECIA

Pois quando vos aprouver...

D. FRANCISCO

Nós nos vêremos.

SCENA III

D. Lucrecia sáhe. Beatriz levanta-se vivamente para sahir com ella. D. Francisco retendo a Beatriz.

D. FRANCISCO

Deixa-te ficar, Beatriz; não estás boa, e precisas de descanso.

BEATRIZ, *cahindo na ottomana*

Precisava de estar só.

D. FRANCISCO

Tua mãe aqui estava contigo, e então precisavas de companhia, e ha pouco fugias de mim, de mim que tanto te amo! Ah! quero reprehender-te, minha Beatriz! (*Beatriz encosta o rosto á mão, como se o escutasse.*) Porque assim te deixas levar pelos teus pensamentos? — Porque te deixas dominar por elles? — Estás triste — estás pallida — estás doente! — não te quero ver assim; quero ver-te jovial e risonha, quero ver-te como sempre te conheci, — sempre viva e engraçada, sempre com um leve sorriso nos labios, tendo sempre para me dizer uma palavra de ternura e de confiança com que tanto me agradavas! Quero ver-te como ainda eras hontem. (*Vai para lhe pegar na mão; ella foge com a mão.*) Oh! ainda me foges! foges de teu pai?!

BEATRIZ

Bem sei, que sois meu pai, D. Francisco; escusais de m'o repetir.

D. FRANCISCO

E não é verdade que te peza de ser eu teu pai, como me peza a mim de seres filha minha?

BEATRIZ

É bem verdade!

D. FRANCISCO

Beatriz, minha querida Beatriz, então me amarias como eu te amo, não é verdade? — Então ser-te-hia agradavel seres minha? — Então não haveria para ti pallidez nem tristeza, dize não é isto verdade?

BEATRIZ

Quero vos pedir uma graça, D. Francisco.

FRANCISCO

E eu t'a farei, Beatriz.

BEATRIZ

N'um recanto do vosso palacio ha um aposento estreito e feio, tem apenas uma porta baixa e uma fresta esguia por onde difficilmente se pôde ver o céo, porém nunca a terra. Ali vivi durante muitos mezes — durante muitos annos — só e abandonada — bem o sabeis. Vós mesmo, D. Francisco, vós mesmo apezar do sentimento desnatural que hoje dizeis sentir por mim só me visitaveis de quando em quando para que eu não morresse de fome. Se me quereis conceder a graça que vos pedi e que já me concedestes, acabarei ali os meus dias, sem que ninguem me possa visitar a não ser D. Lucrecia.

D. FRANCISCO

Então me pedias que eu te livrasse d'aquelle desterro e d'aquelle abandono!—e hoje! hoje que eu preciso de ti como da luz dos meus olhos, me pedes o mesmo desterro noutros tempos tão aborrecido!

BEATRIZ

Então eu não sabia quão caro fazeis pagar o que vós chamais favores. Isto que vos peço, D. Francisco não é um capricho, é uma necessidade. — Já que me aviltastes aos meus próprios olhos, não me obrigueis a estar na vossa presença como um criminoso no pelourinho. — Deixai-me viver só — só com os meus pensamentos; deixai-me ali viver a minha vida, que oxalá seja breve, e eu rogarei a Deos por vós, D. Francisco — por vós, meu pai, que me assassinastes, e que tendes vivido uma longa vida talvez por desgraça vossa sem nenhuma acção meritória.

D. FRANCISCO

Oh! falla — falla sempre; sê dura implacavel para comigo, mas falla; quero ouvir-te sempre ainda que só tenhas injurias para me dizer, — quero estar só contigo ainda que só tenhas um punhal para me atravessares o coração.

BEATRIZ

D. Francisco, vosso amor me horrorisa! Quando vos escuto, minha alma se abisma n'um pégo de terrores e de pensamentos criminosos! — Attendei-me, D. Francisco; eu vos dizia que a clausura é uma necessidade para mim; é tambem uma necessidade para vós, D. Francisco! Eu sou vingativa—vingativa em

extremo — vingativa, como nem eu o sabia! Deixai-me pois viver onde eu não possa fazer mal. Notai que sou da vossa raça, e que o vosso sangue me corre nas veias.

D. FRANCISCO

Seria loucura, minha doce Beatriz, julgar-te capaz de tão negros pensamentos, — e clausurar-te por causa delles, como fosse temer uma vingança, seria cobardia.

BEATRIZ

Eu já vos disse que era do vosso sangue; e que o não fosse....não sabeis vós, D. Francisco, até que ponto o crime é contagioso?

D. FRANCISCO

Como hei de acreditar o crime n'uma alma tão innocente como a tua? És do meu sangue, dizes tu: porém eu não ameaço, quando premedito ferir.

BEATRIZ

Bem é que haja alguma differença entre nós.

D. FRANCISCO, *depois de um momento de silencio.*

Queres fugir da minha presença porque suppões que fria e cobardemente te sacrifiquei a um mero capricho. Não, Beatriz, não foi assim; foi porque eu te amava, — foi porque eu te amava ardentemente, loucamente, como nunca amei, como não me julgava capaz de amar. Oh! se eu pudesse exprimir tudo o que sentia, tudo o que eu sinto por ti, Beatriz, certamente que te compadecerias de mim e que me perdoarias; e quando não me podesses amar como eu te amo, quando mesmo não sentisses por mim esse affecto passa-

geiro do mundo — ao menos não terias nos labios palavras tão cruas, que me vem aqui (*Pondo a mão no peito*), espedaçar-me o coração. Ah! porque nasceste tão formosa, tão angelica e tão pura! Como tão ardentemente me amavas como filha, julguei que poderias ser minha amante, que a ninguem mais conhecias! Fui um louco! fui um louco.

BEATRIZ

E se eu conhecesse a mais alguém, meu pai?

D. FRANCISCO

Farias bem esconder tal segredo no mais fundo do teu coração.

BEATRIZ

E se eu o dissesse?!...

D. FRANCISCO, *levantando-se*.

Maldição sobre ambos se assim fosse.

BEATRIZ

E não me matarias, se eu o amasse?

D. FRANCISCO

Não me falles!

BEATRIZ

Eu amo.

D. FRANCISCO

A quem?

BEATRIZ

Ah! eu amo com todas as forças da minha alma.

D. FRANCISCO, *dando um passo*.

A quem?

BEATRIZ

Eu amo tão ardentemente, tão vivamente, como nem tu me podes amar.

D. FRANCISCO, *dando outro passo*.

A quem, maltita, a quem?

BEATRIZ

Eu o amo tanto que por elle morreria gostosa.

D. FRANCISCO, *vai contra ella e pára de repente*.

Insensato! Insensato que eu sou!... Queres morrer e por tal meio me incitas! — Beatriz, tu que assim me vês atormentado por um gesto — quebrado por uma palavra... não... não poderás imaginar como esta minha cabeça, que ainda não tem encanecido apesar dos annos e dos trabalhos, tenha sentido mais do que uma borrasca — borrasca tremenda! rebentar-lhe trovejando em torno sem nunca a fazer envergar. Como me tornaste fraco e debil! como me escravisaste! Uma palavra tua...

BEATRIZ

Eu amo, juro-vos que amo a outro que não sois vós.

D. FRANCISCO

Tu amas! — tu amas, e tens o arrojo de m'ò dizer.

SCENA IV

Os MESMOS e um PAGEM

O PAGEM

O Sr. Marsio quer fallar a V. Exc.

BEATRIZ

Ah! (*Levanta-se para sair. D. Francisco a segura.*)

D. FRANCISCO, *ao Pagem.*

Que entre. (*O pagem sahe.*)

SCENA V

D. FRANCISCO e BEATRIZ

D. FRANCISCO

Ah! É Marsio a quem tu amas! Marsio que eu poupava porque nunca me roçou o pensamento que elle se entendesse contigo!

BEATRIZ

Eu não vos disse que o Senhor Marsio é meu amante.

D. FRANCISCO

Já aprendeste a mentir! E o grito que deste quando ouviste pronunciar o seu nome! Marsio!... é o teu amante; não o podes negar.

BEATRIZ

Elle ao menos podia ser meu amante; porém vós creis meu pai! Eu vos aconselho, D. Francisco, antes de alevantardes o braço sobre Marsio, cravai-me um punhal no coração.

SCENA VI

Os MESMOS e MARSIO

D. FRANCISCO

Senhor Marsio.

MARSIO *entrando.*

Senhor D. Francisco—D. Beatriz.

BEATRIZ, *à parte cahindo sobre a ottomana.*
Desgraçada!

D. FRANCISCO, *sentando-se.*

Sentai-vos. Muito vos agradeço a vossa visita, Cavalleiro. É uma prova de leal amizade — deixar os folguedos de Roma por umas feias paredes de Castello feudal.

MARSIO

Magoadamente vos confesso, D. Francisco, que não vos mereço os vossos agradecimentos. Vim para vos fallar de um negocio, que me diz respeito.

D. FRANCISCO

E eu folgarei de ter occasião de vos servir.

MARSIO

Muito vos agradeço. Mas... não vos poderia eu fallar... sem testemunhas?

D. FRANCISCO, *com intenção.*

Que! Temeis que minha filha vos atraíçoe?

MARSIO

Oh! não. É tambem della que se trata.

BEATRIZ, *à parte.*

Desgarçada! Desgraçada de mim!

D. FRANCISCO, *encarando-a.*

Della? (*Sorrindo-se para Marsio.*) Por ventura vos conheceis?

MARSIO

Tenho essa honra e esse prazer, D. Francisco.

D. FRANCISCO

Sois feliz, Senhor Marsio. — Ainda hontem poucos se poderiam gabar de tal fortuna, se é uma fortuna o conhecimento de Beatriz.

MARSIO

Ao menos o foi para mim. Cavalleiro, apezar da sinceridade e cortezia com que me recebeis, sinto-me acanhado em vos fazer o meu pedido.

D. FRANCISCO

Então, meu joven amigo, é um pedido que me quereis fazer?

MARSIO

É um pedido.

D. FRANCISCO

Fallai desassombrado. O meu credito e os meus ha veres...

MARSIO

Quero mais do que isso, D. Francisco. Vim para vos pedir a mão de vossa filha.

D. FRANCISCO, *sorrindo-se.*

Se ella quizer, Senhor Marsio, eu vol-a darei.

MARSIO, *vivamente.*

Obrigado, D. Francisco, mil vezes obrigado. Em verdade nunca esperei que tão benignamente me attendesseis!

D. FRANCISCO, *ainda sorrindo.*

Não me deixastes acabar. Eu vol-a darei com uma condição.

MARSIO

Qual? qual, D. Francisco?

D. FRANCISCO

Eu vol-a darei. Na vossa idade, Senhor Marsio, a vida é toda imaginaria. Joven, nobre e rico como vós sois, muitas vezes durante esses longos e calmosos dias do verão vos deitastes voluptuosamente na vossa ottomana — esse luxo tão commodo que nossos avós nos trouxeram do Oriente. Destes o vosso corpo a apathia e deixastes a imaginação vagar livremente no espaço. Não é verdade que vos aconteceu isto muitas vezes?

MARSIO

Não sei se o que dizeis é uma satyra...

D. FRANCISCO

Nada tenho que dizer-vos que não seja em vosso abono. A imaginação é da juventude e o ouro da riqueza. Rico e joven é reunir dois predicados que eu estimo, e pelos quaes não podeis ser censurado. Dizia eu, Senhor Marsio, que a vida dos da vossa idade é toda imaginaria; a vossa mais que todas o devia ser. Sem familia, como desde a infancia vos conheço, muitas vezes lancastes os olhos em redor do vosso aposento, e sentistes no coração que vos faltava alguma cousa. Era alguém sobre cujo seio podesseis descansar a cabeça — alguém a quem podesseis confiar os vossos mais intimos pensamentos; era a mulher que vos faltava, — a mulher essa outra metade da nossa existencia; esse prodigio de amor e de confiança! — Então composestes uma creatura sobrenatural — um

anjo, que sempre estivesse a vosso lado, que quando chorasseis vos rogasse de não chorar e vos limpasse as lagrimas chorando. Deparastes com Beatriz, e cres-tes firmemente haver encontrado o vosso ideal.

MARSIO

Assim foi.

D. FRANCISCO

E nem sequer vos veio ao pensamento que uma mulher assim como a que querieis era um anjo, e que os anjos não são da terra.

MARSIO

D. Francisco, vejo que sois sollicito pela felicidade de vossa filha, e não quereis que um ou outro leve defeito que eu possa descobrir para o futuro quebre a harmonia que deve reinar entre casados. Cavalleiro, muitas vezes se me tem repetido que nada ha perfeito neste mundo; porém eu francamente vos confesso que lhe não achei defeito algum, e que nem os espero achar.

D. FRANCISCO

Beatriz, como ouvistes, o Sr. Marsio nos faz a honra de nos pedir a vossa mão. Que dizeis. (*Momento de silencio*). O Sr. Marsio tem todas as qualidades para agradar a uma donzella da vossa idade e a um homem sisudo como eu sou. É de uma familia nobre, e o que mais é de um sentir não vulgar. Á coragem dos seus avós reune a mocidade, a candura e a franqueza. Não vos parece que um donzel como o Sr. Marsio merece uma mulher joven e formosa como vós sois? Não vos parece que é digno de uma mulher innocente e pura, que o saiba que o possa amar com todas as veras do coração? (*Momento de silencio*.) Não vos parece que essa mulher não deveria ter

segredos para com elle, e que quando lhe dissesse : — eu te amo; podesse tambem repetir na sua consciencia; eu te posso amar?

MARSIO

O que dizeis, D. Francisco, é de um pai severo e melindroso em pontos de honra; é uma qualidade que eu aprecio em qualquer homem e mais ainda n'aquelle que tem de me ser ligádo por vinculos tão estreitos como de pai para filho. Porém eu quando vos pedi a mão de Beatriz bem certo estava da sua candidez e da sua pureza, como tambem de não ser regeitado por ella. Assim D. Francisco (*levantando-se*), como ti-vestes a bondade de me dar o vosso consentimento...

D. FRANCISCO

Com uma condição.

MARSIO, *sentando-se*.

Já me esquecia... E qual é a condição?

D. FRANCISCO

De nos assegurar, Beatriz, que é digna de ser vos-sa esposa.

MARSIO, *levantando-se*.

Essa condição me diz respeito, D. Francisco. Eu a dispenso.

D. FRANCISCO

Não a dispenso eu, Senhor Marsio.

MARSIO

Perdoai-me se vos digo que é da vossa parte demasiada austeridade; e que essa pergunta, mesmo feita por um pai, não deixa de roçar pelo insulto.

D. FRANCISCO

Deveis de saber que sou de genio exquisito e tei-

moso. Então Beatriz? (*Beatriz levanta-se.*) Bem vêdes que o Senhor Marsio espera a vossa declaração.

BEATRIZ

E eu lh'a farei, D. Francisco! Eu lh'a farei, pois que a isso me obrigais. D. Francisco, vêdes vós este lucto que eu visto? É porque desde hontem que não sois meu pai. Vós sois... o que eu nunca julguei que homem nenhum podesse ser! Escutai-me, cavalleiro, vós sois nobre — nobre de sangue — nobre de pensamento — nobre como não é (*com voz abafada*), aquelle homem que eu chamei meu pai. Escutai-me. Esse homem por minha desgraça me achou formosa e jurou manchar-me. Não se lhe deu de eu ser sua filha — leu para me seduzir historias d'outros tempos — contou-me lendas de santos incestuosos por tal arte que quem os ouvisse os julgará santos pelo crime e não apezar delle. Impio! Impio que elle é! — Muitos annos me teve encerrada n'um carece—elle, me visitava, e me dizia cousas horriveis — tão horri-veis que ainda hoje as tenho gravadas na memoria, bem que elle — hypocrita! as disfarçasse. Eu não as comprehendia. — Para me fascinar deu bailes sump-tuosos—torpes—immundos... foi tudo em vão, porque nesses bailes não via a D. Lucrecia. Para a obrigar a ser parte de semelhante espectáculo, elle — um ho-mem! alçou a mão sobre sua esposa e valeu-se de as-tucia infernal. Elle soube que estaveis no aposento de D. Lucrecia, sabia que ereis meu amante — fingiu que ereis o amante de sua mulher; e ameaçou assassinar-vos e denunciá-la como adultera! — Ella prometteu de ir ao saráu e eu fui perdida! E hoje para se vingar de mim que disse que vos amava — astuciosamente, ignobilmente me tem martyrisado — me tem feito mor-

rer lentamente. Ouvi mais. Quando elle mandou construir este castello, mandou constuir tambem uma cava sepulcral. Hana cava tantos tumulos' quantos erão seus filhos, e elle declarou sorrindo aos operarios que elle de prazer lançaria fogo neste castello no dia em que ali colhesse a todos os seus filhos — seus filhos que para viver mendigaram em Salamanca, que men-gáram pelas estradas desde ali até Roma para virem sentar-se aqui nas escadarias deste castello, onde não poderam entrar porque tinham o crime de ser seus filhos! Oh! mais valera para vós, D. Francisco — juro-vos que mais valera para vós que eu já descan-çasse no tumulto que de ha muito me haveis prepara-do.

MARSIO, *caminhando para D. Francisco.*

Bem mostrastes que não haveis ganhado a vossa espada em campo de batalha.

D. FRANCISCO

Eis o ponto em que vos esperava, que eu morreria de pezar, Senhor Marsio, se me não batesse com-vosco.

MARSIO, *puxando meia espada.*

Por Deus que esta vingança me pertence.

BEATRIZ, *juntando as mãos.*

Ah! Marsio!

MARSIO, *batendo nos copos da espada.*

Mas tendes alma tão villã, que eu me teria por des-honrado se a minha espada se tingisse no vosso sangue. Acautelai-vos, Senhor Cenci!

D. FRANCISCO

A vossa luva, meu novo Paladino!

MARSIO

Digo-vos que vos acauteleis.

D. FRANCISCO, *levantando-se.*

Assim pois, Senhor Marsio, tendes a vosso lado uma espada, e recusaes bater-vos comigo!

MARSIO

Porque sois um infame.

D. FRANCISCO, *dá uma risada.*

Vinde cá. (*Tomando-lhe a mão.*) Não quereis manchar com o meu sangue a espada dos vossos avós; é essa uma honra tal que eu humildemente me confesso indigno de a merecer. A minha espada, dissestes, não foi havida em campo de batalha; não foi, — é certo. Mas acaso o ignorais? Os salteadores que habitam nestas circumvizinhanças, cujos escondrijos talvez possais alcançar com a vista — lá — bem longe — de qualquer das janellas deste castello, que elles nunca ousaram profanar, apezar das riquezas que nelle se contem; — os salteadores de Rocca Petrella, dizia eu, que sabem quanto pesa um fendente calado pelo meu braço, e como é fina a tempera da minha espada ouvindo pronunciar o meu nome, sentem mais terror do que aos nomes de Atila, de Alboino ou de Astolfo sentiam vossos avós — nobres e grandes desse tempo feliz em que para ser nobre e grande bastava ter um cavallo de marca, e não acicates de ferro, porém esporins d'ouro alindados, trabalhados, — bons para ferir os olhos das Damas da liça dos torneios, mas improprios de um campo de batalha! Bem sabeis isto; e de tal estou eu tão persuadido que me quero convencer de que essa vossa extremosa piedade filial —

dil-o-hei desassombradamente — não é cousa mais nobre do que o medo.

MARSIO, *com a mão nos copos da espada.*

Senhor Cenci!

D. FRANCISCO

Fostes prudente; — devo confessal-o.

MARSIO

Medroso — dissestes vós. Porém quando qualquer me insulta, tenho apenas de prudencia quanto me basta para fechar os olhos e não ver as qualidades do homem com quem me vou bater. Ouço com prudencia porque estou certo que antes que ella se esgote, eu me recordarei da espada que pende a meu lado, e do sangue com que é preciso tingil-a. Entendeis-me? — Mandai pois trazer a vossa espada.

D. FRANCISCO

Para que? — No estado de exaltação em que estais, não poderieis parar um só dos meus reveses, e em menos de tres hotes serieis um cadaver. Não quero acabar agora comvosco, que se o quizesse... — Louco, que vens brincar com as garras do tigre porque elle te parece de boa catadura, e não te lembras que basta elle contrahil-as para espedaçar-te! — Bastava que a minha voz atroasse estes corredores para que uma infinidade de pagens accorressem ao som della, e eu vos faria lançar por qualquer destas janellas. E amanhã o povo se apinharia em redor de um morto, e diria: — Foi talvez a necessidade que o impelliu a commetter um furto, ou a imprudencia que o levou a seduzir a filha do Castellão, que lá está no seu ninho d'aguia — magestoso e tranquillo como um leão na sua caverna! — Sabeis vós de alguma cousa mais

facil? — Eu, porém, já estou cansado de lutar com homens que são meus iguaes, e que merecem toda a minha attenção. Quero ver como vos avindes com a vossa conspiração. — Duas crianças contra mim! vós e minha filha! Estou curioso de ver o vosso plano.

MARSIO

Será rapido e terrivel.

D. FRANCISCO

Bem! gosto da rapidez; Quando um homem me faz sombra, eu o mando de prompto nivelar com a terra para que a sua sombra não occupe maior espaço do que a extensão do seu corço. Eu vos aviso! No emtanto ides sahir do meu castello; ao passar da porta lembrai-vos que deixastes de ser meu hospede...

MARSIO

E de mandar preparar um punhal porque tendes de morrer como um servo.

D. FRANCISCO

E de vos confessardes. É este o conselho melhor e o mais seguro que tenho dado aos meus inimigos.

MARSIO

Não, Senhor; — quando eu me confessar, perguntarei ao sacerdote, se é crime esmagar-se um reptil. (Sahe.)

SCENA VII

D. FRANCISCO e BEATRIZ.

D. FRANCISCO

Pobre moço! estava lhe marcando o logar por onde lhe farei estalar a vida.

(Cahe o panno.)

ACTO V

PERSONAGENS

D. FRANCISCO.

MARSIO.

PAULO.

D. LUCRECIA.

D. BEATRIZ.

D. LETITIA.

CRIADOS.

ACTO V

*Um aposento com 3 portas no fundo — uma mesa
— cadeiras — uma harpa — ás escuras.*

SCENA I

PAULO

Vinte mil sequins! vinte mil formosos sequins de Veneza... meus, todos meus! — Custa-me a crêr na minha boa fortuna, mas emfim são meus. — Alguns passos nas trevas, algumas voltas de chave, — eis-me senhor de uma fortuna — pequena, mas sempre fortuna. Eu já estava cansado desta vida de sujeição e de desprezo; escravo ou domestico! e que differença ha entre ambos senão é que este conhece que é igual a todos, e que é para ganhar alimento de um dia que elle se escravisa por toda a vida? — Morrer de fome ou morrer escravo! — cruel alternativa! Hoje serei feliz; e o mundo e a consciencia que me importam? — Calar-se-ha a consciencia, e o mundo para me acolher lembrar-se-ha de que não careço delle. A consciencia! e o que terá ella que dizer ao que vou praticar? Será crime alcançar-se um meio de vida, só porque esse meio foi pouco custoso? Será crime praticar uma acção innocente em si, só porque outro a

póde levar para o mal? — não (*senta-se e pensa*) não, certamente que não! (*torna a ficar pensativo.*) E depois... pensarei, pensarei.

SCENA II

BEATRIZ *entra* — PAULO *levanta-se.*

BEATRIZ

Paulo!

PAULO

Minha Senhora.

BEATRIZ

Estás certo no que has de fazer?

PAULO

Abrir a porta do parque — a porta falsa do castello, e conduzir á antecamara um vulto que eu encontrar todo do negro com plumas brancar no chapéo.

BEATRIZ

E abrir a porta da camara do Senhor D. Francisco.

PAULO

Sim, minha Senhora.

BEATRIZ

E não haverá transtorno, nem demora?

PAULO

Nem transtorno, nem demora.

BEATRIZ

Bem está. Abrirás a porta do parque — e a porta falsa do castello, e conduzirás o vulto á antecamara,

e ao primeiro toque da minha campainha abrirás a porta da camara.

PAULO

Assim será.

BEATRIZ

Não deves ver, nem ouvir; não procures descobrir cousa alguma, nem reconhecer a ninguém; serás surdo como uma estatua, e mudo como um tumulo.

PAULO

Eu o serei, Senhora.

BEATRIZ

E farás bem. — Quero tudo cumprido a risca; e para que eu saiba se assim é, ao abrir a porta da camara de teu Senhor derrubarás uma cadeira — um traste — emfim uma cousa que faça bulha, e eu ficarei descançada.

PAULO

D. Beatriz, eu espero que nada haverá de mal no que intentais fazer.

BEATRIZ

Paulo, já contei vinte mil sequins d'ouro — ainda hoje serão teus.

PAULO

Sempre descancei na vossa nobre palavra, porém eu creio que me não comprometto por vos servir leal e fielmente.

BEATRIZ

Está descançado. Terás um cavallo á porta do parque, e poder-te-has retirar para Veneza.

PAULO

E é de necessidade que eu fuja, Senhora D. Beatriz?

BEATRIZ

Não; basta que te retires.

PAULO

Por minha alma, apesar de serdes filha do nobre Senhor meu amo — estou quasi a desdizer-me!

BEATRIZ

Como quizerdes. Eu pedirei essa graça a D. Francisco.

PAULO

A D. Francisco, minha Senhora!

BEATRIZ

E tem certo que elle me não quererá recusar cousa alguma — nem mesmo a tua cabeça, bom Paulo, se me fosse necessario pedir-lh'a.

PAULO

Bem sei que valeis muito para com elle; assim estou as vossas ordens.

BEATRIZ

E eu terei o cuidado de pôr á tua disposição um bom cavallo, e vinte mil sequins de Venèza.

PAULO

Como quizerdes, minha Senhora, — que eu farei o que me pedis só por servir-vos, que não por interesse.

BEATRIZ

Terás tambem os meus agradecimentos. — Mas dirte-hei sempre o que intento fazer para que fiques

descançado na tua consciencia. Eu fugirei esta noite, bom Paulo; o vulto vem para buscar-me, — não queremos ser perseguidos : — entendes tu?

PAULO

Oh! perfeitamente!

BEATRIZ

Darei pois a D. Francisco um pouco do opio; pela Madona, não lhe darei senão opio, para que elle durma, e me deixe fugir tranquillamente.

PAULO

E o vulto vai á camara do Senhor D. Francisco para...

BEATRIZ

O vulto... Ah! sim, o vulto!... te devia causar impressão, bom Paulo; agora o vejo. Sabes o que elle lá vai fazer? não sabes, não. Olha, — o meu pobre cavalleiro é um medroso — um grande medroso, (*rindo-se*) até me envergonho de o ter por Cavalleiro. Elle quer convencer-se por si mesmo de que D. Francisco dorme aquelle somno profundo, pesado e tenaz do opio (*A parte.*) Em somno de morte se ha de tornar. — Bem vês que não é nada. Conheces o som da minha campainha?

PAULO

No meio de mil, eu o differençaria.

BEATRIZ

Bem. Sê attento e fiel; vai.

PAULO, *à parte.*

Querieis a minha cabeça, Senhora D. Beatriz? Eu vol-a darei, esperai. (*Sáhe.*)

SCENA III

BEATRIZ

Eu lhe perdoaria tudo! Eu lhe perdoaria a minha deshonra — o meu futuro sem esperança — e a condenção de minha alma, que depois dessa noite fatal não pôde ter um pensamento de piedade nem de resignação. Mas porque me obrigou elle a córar diante de Marsio, — de meu nobre Marsio que eu tanto amava, que ainda amo tanto? Eu queria morrer, — já estava resolvida a isso; porém quizera que o meu Marsio se fosse ajoelhar sobre a minha sepultura, e que ali orasse por mim; por mim que tanto o amara, e que morrera porque já o não podia amar! Que lhe respondesse elle: não quero; e eu rasgaria a sentença da sua condemção, e depois quando dentro da minha alma eu lhe houvesse perdoado, porque não queria ir para o céu com um pensamento de vingança, — eu me deitaria resignada sobre a minha sepultura, esperando que a morte me levasse da vida. Mas elle não o quiz assim! Insensato! Insensato!

SCENA IV

D. LUCRECIA e BEATRIZ.

D. LUCRECIA

Beatriz.

BEATRIZ

D. Lucrecia.

D. LUCRECIA

Em que pensas, minha filha?

BEATRIZ

D. Lucrecia, vós com esses vestidos de lucto! Pois não é hoje um dia de regozijo e de festa para nós ambas! Oh! mudai-m'os, mudai-m'os breve.

D. LUCRECIA

Esses vestidos assentam bem em ti, porque tu vm-gas-te; mas eu que te chamava — minha filha, eu que tinha duas vinganças que exercer, não tomo nenhuma, e de braços cruzados contento-me com ver o que tu fazes! Ah! que me enganaste! — julguei-te muito fraça: só te queria dar um pensamento, pelo qual estimasses a vida, e agora eis-me arrependida de o ter feito!

BEATRIZ

Remettestes a minha carta a Marsio, minha mãe?

D. LUCRECIA

Está descansada. Oh! tivesse eu a certeza de me vingar por mim só — um dia — ainda quando fosse no derradeiro da minha vida, D. Francisco ainda hoje dormiria tranquillo. — Mas já não ha remedio.

BEATRIZ

Já não ha remedio, D. Lucrecia. Eu decidi a sua morte, — elle morrerá; decidi que havia de ser hoje, — será hoje; — não haverá compaixão nem arrependimento.

D. LUCRECIA

Está tudo prompto?

BEATRIZ

Tudo.

D. LUCRECIA

E Marsio virá?

BEATRIZ

Espero que sim, porém que não venha...

D. LUCRECIA

Se não vier?

BEATRIZ

Não me vês tu aqui! Oh! tenho força bastante para me vingar.

D. LUCRECIA

De uma offensa: tu o verás. E o opio — já o tens?

BEATRIZ, *mostrando-lhe o vidro.*

Aqui está.

D. LUCRECIA

É bom?

BEATRIZ

Deve sê-lo; encomendei-o do melhor.

D. LUCRECIA

Porém não o sabes. Nisto precisamos de toda a cautela porque o menor engano nos perderia. — Aqui tens outro *dá-lhe* é forte e violento; eu mesma o experimentei em mim. Não deites muito: o opio demasiado produz insomnia — vomitos talvez. Torno a recomendar-te; não deites muito.

BEATRIZ

Bem, bem. Vamos-nos que já é tempo.

SCENA V

PAULO e MARSIO

PAULO

Entrai. (*Mostrando-lhe o aposento da esquerda.*) Aqui vos escondereis; quando ouvirdes o toque de uma

campainha, e o rumor de um traste cahindo, ide ao aposento contiguo e podereis entrar porque então se terá aberto a porta. (*O vulto faz-lhe com a mão signal que se retire. Paulo curva-se.*) Eu me retiro, Senhor, porém tomarei antes a ousadia de advertir-vos, que demorando-vos nesta sala, imprudentemente vos expondes a ser visto por todos do palacio. (*O vulto repete-lhe o signal com mais imperio.*)

SCENA VI

MARSIO. *Observa tudo em redor de si; tira a capa e o chapéo; — e senta-se.*

Elle tem razão! Incompleta seria a minha vingança, se agora me vissem nestes logares; — seria frustada, e eu morreria de pezar. Ah! o leão sedento. (*Levantando-se.*) Não tem mais amor a agua, o tigre faminto não sorve com mais prazer o odor do sangue, do que o odio que sinto — da sêde que tenho de vingar-me. (*Sentando-se.*) Porém a minha cabeça parece querer estalar com febre, e as minhas arterias latejam como em um accesso de delirio; preciso de descansar primeiro — de cobrar imperio sobre mim, porque a minha mão tremula poderia errar o golpe, e a minha victima escapar-me. (*Torna-se mudo e sombrio; e passado um instante levanta-se com impeto.*) Maldicto sejas tu, que com o halito pestilente do crime, vieste empeçonhar a minha felicidade, e obrigar-me a servir do punhal como de um cutello de algoz! Maldicto, que te vieste deitar ao longo no meu caminho, e escarnecer da minha credulidade, e infamar a mulher que eu amo, — que eu amo mais do que a minha vida. Condemnado sejas tu na eternidade, como tens de morrer como um

cobarde, — como tens de ser esmagado por mim, reptil infame! Quando a voz de meus pais me bradasse do alto dos céos — quando a sua sombra se viesse interpôr entre nós. (*Arrancando o punhal, e quando vai para descarregar o golpe cruza os braços com desespero.*) Oh! meu pai, meu pai — não educaste teu filho com tanta solicitude, não derramaste tantos princípios de virtude no seu coração inexperiente, não derramaste tanto amor sobre a sua cabeça para que elle viesse agora apalpando as trevas procurar um velho, a quem alguns dias apenas restam de vida, — e assassin-o friamente no seu leito, que alguns dias mais, lhe serviria de tumulo! — E pensar que eu seria feliz, se a não houvesse encontrado, ou que tendo-a encontrado, ella me houvesse desprezado! Oh! não, eu teria morrido, se me desprezasses e tu ficarias inulta! Serás vingada. (*Entra no aposento da esquerda.*)

SCENA VII

Entra D. FRANCISCO, BEATRIZ, LÆTITIA. —
Criados com velas, que põem sobre a mesa.

D. FRANCISCO, aos criados.

Ide-vos. (*Os criados sahem.*)

BEATRIZ

Podes te ir deitar, Lætitia.

LÆTITIA

Já, minha Senhora?

BEATRIZ

Farás o que quizeres, que não preciso de ti por esta noite. (*Lætitia sahe.*)

D. FRANCISCO

És uma creatura maravilhosa, Beatriz. Hontem eras formosa com os teus vestidos côr da noite, e hoje és formosissima com esses côr de neve.

BEATRIZ

E pareço-vos bem, D. Francisco?

D. FRANCISCO

Muito bem.

BEATRIZ

Sois agradecido; mudei de vestido, porque me pediste que o mudasse.

D. FRANCISCO

Doce Beatriz. — (*A parte.*) Hypocrita! — nunca esperei que tão cedo me perdoasses.

BEATRIZ, à parte.

Credulo! — Não falleemos em tal: em verdade mereceis que eu ficasse mal convosco por toda a vida.

D. FRANCISCO

Por toda a vida! pois tão comprida é ella que deva de ser desperdiçada em odios?

BEATRIZ

Devemos então acabar de uma vez com o odio para que nos entreguemos ao amor. — Não é assim meu cavalleiro?

D. FRANCISCO

Como dizes.

BEATRIZ, sorrindo-se.

Segui o vosso conselho.

D. FRANCISCO, *sorrindo-se.*

E fizeste bem. Pois não é melhor que estejamos assim, como dois bons amigos, do que ferindo-nos cruelmente como dois amantes que deixaram de o ser?

BEATRIZ

Ah! D. Francisco — aconselhais bem, porém praticais mal. Dizei-me, que é feito dos vossos saráus?

D. FRANCISCO

E queres saráus, minha Beatriz?

BEATRIZ

Se fossem uma prova da vossa estima... porque não?

D. FRANCISCO

Oh! dar-te-hei saráus como nunca viste, saráus de fascinar toda a sumptuosa nobreza de Roma, para que no fim me digas: Eu t'os agradeço.

BEATRIZ

Não o direi.

D. FRANCISCO

E se excederem as tuas esperanças?

BEATRIZ

Ainda o não direi.

D. FRANCISCO

Porque?!

BEATRIZ

Porque, Cavalleiro! porque serão o pagamento da minha ceia de hoje.

D. FRANCISCO

Quando tu me fallas assim com essa tua voz ma

viosa, não sabes que agradável que é a impressão que me causas. (*Com intenção.*) Apósto eu, minha Beatriz, que tu me queres fazer morrer?!

BEATRIZ, *com anciedade.*

Morrer!...

D. FRANCISCO

Sim, de paixão.

BEATRIZ, *tornando a si.*

Ah! — Ajustemos as nossas contas. Quando tere-mos o saráu.

D. FRANCISCO

Hoje mesmo.

BEATRIZ

Não poderia ser tão bom como o quereis. — Assim ficará para amanhã.

D. FRANCISCO

Ficará para amanhã.

BEATRIZ

Oh! desde já vol-o digo: quero muitos divertimentos. Por orgulho quizestes ser o mais sumptuoso Senhor de Roma, quero ver o que sereis por amor.

D. FRANCISCO

Serei o que quizeres que eu seja, minha Beatriz.

BEATRIZ

Bem; então acreditarei que amais devéras, e não passageiramente. Vamos ceiar.

D. FRANCISCO

Como quizeres. (*Dá-lhe a mão.*)

BEATRIZ, *sentando-se à mesa.*

Dir-me-heis no emtanto o que fareis por amor de mim.

D. FRANCISCO, *sentando-se*.

Farei prodigios.

BEATRIZ

Que eu vos saberei agradecer. — Mais uma pergunta. Iremos a Veneza?

D. FRANCISCO

Se o quizeres.

BEATRIZ

Passaremos ali o carnaval; e então quero que sejas o mais magnifico dentre todos os da serenissima republica. — Que é da vossa esposa, D. Francisco?

D. FRANCISCO

Não fallemos nella. Bem sabes que junto de ti não posso pensar em outra mulher.

BEATRIZ, *sorrindo-se*.

E longe de mim?

D. FRANCISCO

É como se estivesse ao teu lado.

BEATRIZ

D. Francisco, quero saber a qual de nós dais a preferencia? D. Lucrecia ceiará connosco.

D. FRANCISCO

Jámais te contradisse; — apesar de que estar a sós contigo é um prazer que D. Lucrecia não poderá requintar.

BEATRIZ

Tenho ciumes de vós D. Francisco. — É uma experiencia que pretendo fazer.

D. FRANCISCO

Ceiará, visto que assim o queres.

BEATRIZ

Eu vol-o agradeço. Ide-m'a buscar; ireis vós mesmo porque sei quo não podeis estar sem mim, como eu não posso estar por muito tempo longe de vós.

D. FRANCISCO, *sahindo*.

Serei breve.

SCENA VIII

BEATRIZ, *da porta*.

Não vos esqueçais que vos aguardo. (*Vai à mesa — enche dois copos de vinho, e lança na garrafa de um vidro que traz no seio.*)

Nem me tremeu a mão! Elle morrerá! morrerá como viveu — sem religião — sem um pensamento de virtude. Morrerá impenitente, que é força que morra tambem sua alma.

SCENA IX

BEATRIZ, D. LUCRECIA e D. FRANCISCO

D. FRANCISCO

Eis tua mãe, Beatriz. (*A D. Lucrecia.*) Entrai; bem vêdes que não posso dispensar a vossa companhia.

D. LUCRECIA, *à parte*.

Morrerá mentindo!

BEATRIZ

D. Francisco, mereceis agradecimentos pela vossa diligencia.

D. FRANCISCO

Não disseste que me esperavas?

BEATRIZ

E bem vêdes que vos não menti. Sentemo-nos.

D. FRANCISCO, *dando a mão a Beatriz.*

D. Lucrecia, sentai-vos.

BEATRIZ

À saúde de vossa esposa, D. Francisco.

D. FRANCISCO

A primeira é tua, as outras serão de quem quizeres.

BEATRIZ

Beberemos pois á saúde um do outro.

D. FRANCISCO

À tua saúde, doce Beatriz! (*Attenta na côr do vinho.*)

BEATRIZ, *à parte.*

Meu Deos!

D. FRANCISCO

Assim possas tu viver muitos annos, para que tão agradavelmente me faças passar as noites. (*Bebe.*)

BEATRIZ, *à parte.*

Bebeu! (*Toca a campainha, e ouve-se o rumor de um traste cahindo.*) Bom Paulo!

D. FRANCISCO

Que te falta?

BEATRIZ

Já nem me lembra! parece-me que era agua.

D. FRANCISCO

Talvez fosse para saber a causa d'aquelle arruido.

BEATRIZ, *interrompendo-o vivamente.*

Não, não... Realmente é agua que me falta.

D. FRANCISCO, *sorrindo-se.*

Douda! Beberes agua quando tens vinho diante de ti! Não sabes que por estas legoas em redondo não o ha tão generoso como o nosso? Mais vinho! quero dar-te o exemplo. (*Bebe.*)

D. LUCRECIA, *à parte.*

Intemperante!

D. FRANCISCO

Falta-me uma cousa, Beatriz.

BEATRIZ

O que, D. Francisco?

D. FRANCISCO

Musica; bem sabes que não posso comer sem ella. — Sabes cantar!

BEATRIZ

O que não farei eu por agradecer-vos.

D. FRANCISCO

Quero um canto molle — suave — delicioso — uma verdadeira musica italiana.

BEATRIZ

Cantar-vos-hei. (*Beatriz prepara-se para cantar. Preludios de harpa.*)

D. FRANCISCO

Hoje não! Tenho a cabeça pesada, o corpo alquebrado... não sei o que tenho. (*Pausa.*) Tenho somno.

BEATRIZ

Deitai-vos.

D. FRANCISCO

Sim, sim. (*Levanta-se.*) Que somno de ferro que eu tenho! vejo uma nuvem diante dos olhos.

BEATRIZ

Dai-me a vossa mão. — (*Beatriz vai para lhe dar a mão, D. Lucrecia mette-se entre ambos e dá a mão a D. Francisco.*)

D. FRANCISCO

Tens as mãos frias, — mais frias do que as minhas! (*Entra na camara — D. Lucrecia serra a porta.*)

SCENA X

D. LUCRECIA

Fui eu quem o levei á sepultura. (*Caminhando lentamente para Beatriz.*) Estás triste. (*Pondo-lhe a mão no hombro.*) Estás triste! Pois não me disseste que era hoje um dia de festa para ambas?

BEATRIZ

Elle era meu pai.

D. LUCRECIA

Sim, teu pai! Queres saber um segredo horrivel?

BEATRIZ

Ainda outro, meu Deos!...

D. LUCRECIA

Ainda outro. Aquelle vidro que eu te dei, que eu te disse conter opio — aquelle vidro estava cheio...

BEATRIZ

Dizei, dizei! (*Ouve-se um grito. — Beatriz cahe de joelhos e assoma á porta um vulto negro. D. Lucrecia retira-se para um lado da scena.*)

SCENA XI

D. LUCRECIA, BEATRIZ e D. FRANCISCO.

BEATRIZ

Elle está morto!

D. FRANCISCO, *caminhando para ella, embuçado.*

Morto!

BEATRIZ, *levanta-se precipitadamente.*

Esta voz!... — Marsio... Marsio... és tu? (*Descobre o rosto de D. Francisco, que deixa cahir o manto.*)

D. Francisco!...

Justiça de Deos!...

D. FRANCISCO, *rindo-se.*

Teu pai, minha Beatriz, teu pai, que te não podia deixar só neste mundo.

BEATRIZ

Mas o outro — o outro!... (*Quer correr para a camara.*)

D. FRANCISCO, *segurando-a.*

Ainda não. — Tens obrigado teu velho pai a desempenhar um papel de comedia toda esta santa noite — oh! é muito mal feito! E como sabes fingir! como

sorris tão meiga! como fallas tão carinhosa! (*rindo-se*).
Representas bellamente.

BEATRIZ

Mas o outro, o outro, meu Deos!

D. FRANCISCO, *arrastando-a para junto de uma cadeira.*
Senta-se

Pobre abelha sem dardo, que só parecias agastada quando sussurravas em volta do meu rosto com as tuas bellas azas douradas! Quizeste lutar comigo e ficaste vencida! Assim devia ser.

BEATRIZ

Mas o outro... que é feito delle?

D. FRANCISCO

Oh! o vosso plano era muito engenhoso, — muito engenhoso, melhor mesmo do que eu pensava que podesse sahir de duas cabecinhas, como as vossas. (*Pondo a mão no peito.*) Mas... que dôr é esta?! — O velho Cenci traz uma saia de malha muito bem tecida, e não ha punhal que a vare: tu te incumbiste de dar opio ao teu velho pai para que o outro com todo o seu vagar podesse escolher o logar em que lhe havia de enterrar o punhal. — Não foi isto assim?

BEATRIZ

Marsio — tão novo — tão bom — tão bello — não, elle não podia morrer. Oh! Senhor, eu vol-o peço de joelhos — de mãos postas — dizei-me que o não matastes; — dizei-m'o, Senhor, pelo amor que me tinheis e pela afflicção que me vêdes padecer — vossa tilha vol-o supplica.

D. FRANCISCO, *com a mão do lado esquerdo.*

Não será nada. Ora é exactamente de que te esque-

ceste — de que eras minha filha! Revelaste o teu segredo — cousa que o teu bom pai nunca fez ao seu melhor amigo. Uma mistura contrastou os effeitos do opio, e o padecente tornou-se carrasco.

BEATRIZ

Quiz Deos que vos salvasseis; o que elle faz é bem feito; e me arrependo do que intentei fazer; do fundo do coração, do fundo d'alma, eu me arrependo de o ter querido fazer. — Mas vós, Senhor, vós — cavalleiro, valente e nobre... não... não o matastes, dizei-o — dizei-o, que esta incerteza me suffoca.

D. FRANCISCO

Tu te esqueceste, minha doce Beatriz, que a homens como eu não se deve ameaçar, é preciso matal-os sem demora! — Tu te esqueceste... (*Levantando-se violentamente.*) E de que não esqueceste tu?! Tens me encontrado sempre humilde como um cão, e obediente como um escravo, porém nunca viste a colera tropejar-me nos labios, nem a vingança faiscar-me dos olhos em centellas de morte. E não imaginaste que eu, o velho D. Francisco, que açaimeti a ira dos salteadores com o terror do meu nome, eu, que governo o consistorio e a curia romana com a substancia dos meus cofres, — eu que de extracção plebea opprimo com o talão das minhas botas as fronteas mais soberbas dos nobres de Roma e Napoles, que me odeiam, mas que me temem... Oh! não, não pensaste nunca que se eu me dobrava aos pés de uma mulher era porque podia arrastal-a sobre o lodo, — que se eu me vergava aos pés della era porque eu a podia fazer vergar, e que se eu me humilhava era porque podia abater o seu orgulho quando me aprouvesse.

BEATRIZ

Matai-me, matai-me de uma vez.

D. FRANCISCO

Não. (*Apertando o peito com força e sentando-se.*)
Posso eu viver sem ti? Elle me tinha roubado o teu coração, — matei-o.

BEATRIZ

Meu Deos! (*cahe.*)

D. FRANCISCO

Esta dôr suffoca-me! — É aqui — sobre o coração!
não será nada; foi o abalo... o choque...

D. LUCRECIA

Vós vos tendes esquecido de mim, meu Senhor!

D. FRANCISCO

Ah! — D. Lucrecia! — pois tambem ereis da conspiração?!

D. LUCRECIA

Eu meu Senhor!

D. FRANCISCO

Sim; porque se houvesseis entrado nella, ser-me-hia
preciso andar com mais cautela.

D. LUCRECIA

Lisongeis-me, Senhor.

D. FRANCISCO

Oh! não, não... — Esta dôr!

D. LUCRECIA, *sentando-se.*

Permitti-me que vos falle por alguns instantes; pas-
sados elles, juro-vos que não tornarei a importunar-
vos.

D. FRANCISCO

Dizei.

D. LUCRECIA

Meu Senhor, vós vos casastes comigo por orgu-
lho; vós mesmo dissestes; — quando eu passasse
pelas ruas dir-se-hia: — É bella a mulher do Senhor
D. Francisco! — Era eu o traste que vos era mister
para satisfazer essa parte do vosso orgulho.

D. FRANCISCO

A que vem isso?

D. LUCRECIA

Alguna cousa para o caso. Depois que me esposas-
tes, pensastes comvosco que eu era muito pouco para
merecer a honra de ser vossa mulher, e me destes o
mesmo tratamento que darieis a uma escrava, ou antes
a uma mendiga. Não foi assim?

D. FRANCISCO

Não me demoreis.

D. LUCRECIA

Algumas palavras mais. E quando eu um dia vos
pedi reparação de um insulto que me fôra feito em pu-
blico por uma... nem eu sei como a hei de chamar! —
vós em publico me injuriastes, e na vossa camara levan-
tastes a mão contra o meu rosto. — Não é verdade?

D. FRANCISCO

D. Lucrecia — esta dôr — esta dôr anceia-me...

D. LUCRECIA, *alumiando-lhe a cara.*

Deixai-me vêr o vosso rosto. (*Pondo a vela em cima
da mesa.*) Está bem. Dir-vos-hei agora, D. Francisco.
— A escrava vingá-se do Senhor que era um infame,

— e a mulher vingá-se do marido que era grosseiro e cobarde. Estás envenenado!

D. FRANCISCO

Meu Deos!

D. LUCRECIA

Aquella bebida que vos deitáram no vosso copo... aquella bebida que mirastes tão escrupulosamente... Como sois habil!.. aquella bebida, Senhor D. Francisco... era veneno.

D. FRANCISCO

Maldicta — Maldicta! *levando a mão ao punhal.*

D. LUCRECIA

Rugi, Senhor, rugi, que já não podeis fazer mal. — A um homem como eu, dissestes vós, não se deve ameaçar, — é feril-o promptamente. Como nos entendemos! A vossa mão se alevantou sobre mim, e eu nem ao menos fiz signal de vos queres suster o braço! Ameacei-vos por ventura? — não — matei-vos simplesmente — sem um gesto — sem uma palavra. Obrigastes vossa mulher a representar comedia toda esta noite... Oh! é muito mal feito. Enganastes a Beatriz fingindovos somnolento, e eu vos enganei fingindo que vos acreditava! E então não é isto uma vingança?

D. FRANCISCO

Oh! quem me dera um pouco de alento!

D. LUCRECIA

Assim pois — o nobre — o valente — o poderoso D. Francisco — o terror dos salteadores — o senhor da curia romana — o villão que a seu talante opprime a nobreza de Roma e de Napoles — o villão que chegou a emparelhar com os nobres, graças ao fructo

das rapinas de seu pai, que de um vil barqueiro tornou-se um vil usurario, e de um vil usurario um nobre mais vil ainda... O nobre D. Francisco!... não viverá nem mais um dia, porque foi do alvedrio de uma mulher assignar-lhe a sua ultima hora! Pensastes alguma vez nisto?

D. FRANCISCO, *concentrando todas as suas forças, dá um pulo e agarra D. Lucrecia pelo braço.*

Ah! que és minha!

D. LUCRECIA, *forcejando por desprender o braço.*

Já não tens forças!

D. FRANCISCO

És minha! és minha. Ainda te poderia quebrar o braço apertando-o com força. (*D. Lucrecia cãhe de joelhos.*) Ora pois, Senhora, ides morrer!

D. LUCRECIA

Beatriz! Beatriz!

D. FRANCISCO

Não vos escuta. — Fazei as vossas orações.

D. LUCRECIA

Acudam! Acudam!

D. FRANCISCO

Pedi perdão a Deus, Senhora, ides morrer.

D. LUCRECIA

Perdão, Senhor!

D. FRANCISCO

A Deos — pede-o a Deos, que eu te não perdoarei.

D. LUCRECIA

Mas vós não vêdes que é impossivel... que eu não posso morrer assim...

D. FRANCISCO

Pede perdão, infame !

D. LUCRECIA

Oh ! Senhor, eu vol-o peço — por Deos — por tudo.. fazei de mim o que vos aprouver, mas não me mateis !

D. FRANCISCO

Perdão.

D. LUCRECIA

Perdão, Senhor !

D. FRANCISCO

A Deos.

D. LUCRECIA

Perdão.

D. FRANCISCO

A Deos, pede-o a Deos.

D. LUCRECIA

Perdão.

D. FRANCISCO

Oh !... (*Dá-lhe uma punhalada e cahe ao lado della.*)

D. LUCRECIA, *cahindo*

Perdão meu Deos !